

CAMÕES *universal*

Celebração dos 500 anos
de Luís Vaz de Camões

CAMÕES *universal*

Celebração dos 500 anos
de Luís Vaz de Camões

27 de nov. de 2024 ~ 28 de fev. de 2025



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

ÍNDICE

- 7** Apresentação
José Luís Cardoso
- 9** Nota Introdutória
Isabel Almeida

CATÁLOGO

- 13** O princípio: dois livros, dois destinos
- 17** As primeiras Traduções: o tempo da Monarquia Dual
- 19** Além e aquém dos Pirenéus
- 21** Enfim, chega a França
- 23** William Julius Mickle: reinventar Os Lusíadas
- 25** Um mapa em expansão: Europa e América do Norte
- 35** Celebrações oitocentistas: o tempo dos aniversários
- 43** Fragmentos
- 49** Séculos xx-xxi
- 55** Camões, Poeta Universal

- 57** Lista de traduções
- 62** Cartografia das traduções
- 67** Bibliografia

APRESENTAÇÃO

Que língua celebramos quando Camões e a sua obra se festejam? A língua portuguesa, certamente. Mas também as outras línguas que fizeram do português de Luís Vaz de Camões uma língua universal. É esta a ideia básica de uma exposição concebida para mostrar a projeção internacional de uma obra traduzida em múltiplas línguas. As traduções conferem ao texto camoniano a singularidade vernácula de cada território linguístico, sem, no entanto, perderem a grandeza universal contida na mensagem de origem. Traduzidos em tantos lugares, ao longo de uma cronologia de séculos, *Os Lusíadas* reinventam noutras línguas uma epopeia de alcance universal. Às vezes mediante simplificação ou adulteração mais propícia aos auditórios de destino; outras vezes através de adaptações que contornam dificuldades de compreensão ou de expressão. Qualquer que seja o artifício ou a artimanha, o texto original impera como mensagem de riqueza universal, espalhando por toda a parte a história grande que Camões cantou, com sabedoria e engenho.

Em quantas línguas se fala a palavra universal de Camões? Todas as que cabem nas vitrines e no catálogo desta exposição destinada a celebrar Camões no ano repartido, entre 2024-2025, que assinala o quinto centenário do seu nascimento.

A Academia das Ciências de Lisboa associa-se ao ciclo comemorativo deste quinto centenário através de diversas iniciativas. Para benefício de inventário, faz registo da memória de estudos camonianos na própria Academia, através da digitalização e disponibilização em acesso aberto das coleções de memórias, conferências e monografias de autoria dos seus membros e que os seus prelos produziram. No âmbito da sua usual apetência pela organização de conferências e seminários, promove em maio de 2025 um colóquio destinado a aprofundar o modo como a herança camoniana é suscetível de abordagem em múltiplos e diversificados domínios científicos. E organiza a presente mostra bibliográfica e respetivo catálogo, tendo como eixo narrativo a projeção universal da obra de Luís de Camões.

Esta exposição beneficia da recente doação feita à Academia das Ciências de Lisboa, pela família de Manoel de Queiroz Pereira, da importante biblioteca camoniana que este empresário colecionou ao longo da vida. Trata-se de uma coleção particularmente rica em traduções de *Os Lusíadas* e da *Lírica*, permitindo ilustrar e documentar essa dimensão de universalidade que as línguas transmitem à obra de Camões.

O enorme saber camoniano de Isabel Almeida foi crucial para a conceção da exposição, para a seleção criteriosa das obras expostas e para a elaboração dos textos que acompanham a exposição e o catálogo.

Um agradecimento especial é devido à Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa e sua Presidente Maria do Céu Machado, pelo empréstimo de um raríssimo exemplar da obra de Garcia d’Orta na qual Camões teve um primeiro poema publicado, e à Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e seu Diretor José Pedro Serra, pelo empréstimo de duas importantes obras em falta na camoniana da Academia das Ciências de Lisboa. Agradecimento extensivo à Fundação Calouste Gulbenkian, à Fundação Millennium BCP e à Lusitânia Seguros, cujo apoio mecenático permitiu a concretização deste projeto.

Um reconhecimento é ainda devido à Comissão para as Comemorações do V Centenário do Nascimento de Luís de Camões, por aceitar esta exposição como iniciativa integrada no seu programa de atividades.

O local desta exposição (a “Sala de Reuniões Internacionais”) é um espaço relativamente pequeno que se amplia pela intimidade que os livros exploram, pela janela aberta a um claustro que convida à reflexão, pela forma como permite ao visitante penetrar num espaço que deixa antever a riqueza patrimonial da instituição. Desse património faz parte um exemplar da 1ª edição de *Os Lusíadas* – em destaque na exposição – e outras coisas raras que aguardam ser desvendadas.

JOSÉ LUÍS CARDOSO

Presidente da Academia das Ciências de Lisboa

NOTA INTRODUTÓRIA

A exposição “Camões universal” procura dar a ver o que tem sido, numa história já longa de quase cinco séculos, a fortuna d’*Os Lusíadas* manifestada nas suas múltiplas traduções. Num percurso simples, o visitante parte da observação de duas peças de alto valor simbólico: um exemplar dos *Coloquios dos simples, e drogas*, de Garcia d’Orta, onde pela primeira vez saiu impresso um texto explicitamente atribuído a Camões (1563); um exemplar da *editio princeps* d’*Os Lusíadas* (1572). Tudo começa aqui.

Os passos seguintes acompanham, numa linha diacrónica, a transposição do poema épico para línguas várias. Longe de ambicionar ser exaustiva, a mostra evidencia, além do persistente interesse pela obra camoniana (não há século sem novas traduções), um processo de crescente disseminação, que envolve a Europa, a América, a Ásia e o Norte de África. É essa difusão que, por último, se representa num mapa, acreditando na eficácia do “caminho abstrato para a imaginação concreta”, como lembra um verso de Álvaro de Campos.

Mais traduções se anunciam, outras irão surgindo à medida que a pesquisa em bibliotecas e arquivos progredir. A lista de traduções que encerra o catálogo é significativamente imperfeita, *in fieri*. Perguntar-se-á: quem elege *Os Lusíadas* como objeto de tradução? Que mudanças ocorrem na sua passagem para outro idioma, em tempos diferentes e em função de códigos linguísticos e culturais não raro muito distintos? Na grande viagem do poema, cada tradução é um fruto contingente: nada a determina por inteiro, mas tudo o que a rodeia a ilumina e por ela é iluminado. Importará, pois, estudar cada caso, comparar resultados, analisar textos e seus contextos. Compreender o vasto fenómeno da tradução d’*Os Lusíadas* é compreender melhor o teatro do mundo que lhe serve de palco.

Se “Camões universal” for capaz de tocar os seus visitantes, estimulará o desejo de ler ou reler *Os Lusíadas*, seja em português seja em línguas que os receberam e assim foram de alguma maneira transformadas. Se “Camões universal” for capaz de tocar os seus visitantes, Babel (recordemos George Steiner) há de ser entendida como possibilidade de metamorfose, sempre reveladora, sempre a merecer indagação.

ISABEL ALMEIDA

Catálogo

O PRINCÍPIO

dois livros, dois destinos

Quem olha para um exemplar da primeira edição dos *Coloquios dos simples, e drogas*, do médico Garcia de Orta, vê um livro viajante, impresso em 1563, na Índia, e de lá pouco depois trazido para Portugal. Acompanhando Jacob Függer, jovem membro de uma família de banqueiros e mercadores, num circuito pela Europa (1564-1565), o botânico Charles l'Écluse encontrou os *Coloquios*, em Lisboa, e apressou-se a difundir-los numa tradução latina. Graças ao seu empenho, que suscitou réplicas noutras línguas, o saber reunido por Orta correu mais mundo e o nome do autor ganhou várias feições: Garcia ab Orta ou Horto, na versão de l'Écluse (*i.e.*, Carolus Clusius), ilustrada com requinte e estampada na prestigiadíssima oficina de Christophe Plantin (Antuérpia, 1567); Garzia dall'Horto, na versão italiana (1597); Garcie du Jardin, na francesa (1602). No entanto, a obra, reduzida a uma súpula (*in Epitomen contracta*) e privada da sua traça dialogal, descaracterizava-se e perdia neste processo o que mais a distingue. Repare-se: Orta não se limitou a veicular informação; por meio de conversas ou *colóquios* travados entre médicos com experiências diferentes, representou o desejo de conhecer, exaltando o valor da partilha e da discussão em busca da verdade.

Camões terá privado com “o doutor Garcia d’Orta”? Quando nos *Colóquios* se diz “nem nós naquele tempo navegávamos os mares que agora navegamos” (f. 28), tratar-se-á de um eco d’*Os Lusíadas*, já em preparação c. 1560? Quando n’*Os Lusíadas* (II, 4) é referida a “droga salutífera e prestante”, detetar-se-á aí algum rasto dos *Colóquios*? É provável que o soneto-dedicatória, “Seguro livro meu, daqui te parte”, exibido como “Do autor falando com o seu livro”, haja sido composto por Camões. Prestar-se-ia o poeta, por amizade ou por interesse, ao papel de escritor-sombra? Certo é que a ode de elogio aos *Colóquios*, neles publicada, traz assinatura, e não custa imaginar que, na sua origem, estivessem mútuo respeito e admiração: “Ao Conde do Redondo, Viso-Rei da Índia, Luís de Camões”. Nunca antes este nome brilhara em letra de forma.

Nas traduções que foram propagando, a seu modo, os *Colóquios*, a ode desapareceu. Seriam *Os Lusíadas* a garantir ao poeta fama extraordinária. Orta desvendara “segredos certos / A todos os antigos encobertos”? Camões também mostrava como era possível competir com o mundo greco-latino e celebrar um novo tempo, um novo horizonte de conhecimento. A transposição do texto épico para diversas línguas implicou, em alguns casos, sujeitá-lo a operações avessas às escolhas do seu autor (*v.g.*, o recurso à prosa, em detrimento da oitava rima, ou a redução antológica do edifício original). Nunca se perdeu neste processo, porém, a consciência de que lidar com *Os Lusíadas* exige o respeito devido ao que é grande.



1 Camões, Luís de, 1524?-1580

Os Lusíadas de Luís de Camões. – 1ª ed. – Impresso em Lisboa: em Casa de Antonio Go[n]çalvez, 1572. – BACL Cofre 1-27

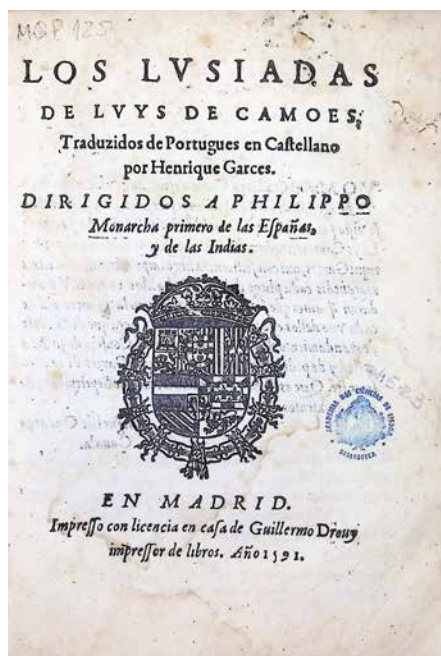
Coloquios dos simples, e
drogas he cousas mediçinais da India, e
assí dalgũas frutas achadas nella onde se
tratam algũas cousas tocantes a mediçina,
pratica, e outras cousas boas, pera saber
cõpostos pello Doutor garçia dorta : fisico
del Rey nosso senhor, vistos pello muyto
Reuerendo senhor, ho liçenciado
Alexos diaz : falcam defenbar-
gador da casa da supricaçã
inquisidor nestas
partes.

¶ Com priuilegio do Conde visõ Rey.

Im presso em Goa, por Ioannes
de endem as x. dias de
Abril de 1563. annos.

2 ORTA, Garcia de, 1499?-1568

Coloquios dos simples, e drogas he cousas mediçinais da India, e assi dalgu[m]as frutas achadas nella onde se tratam algu[m]as cousas tocantes a mediçina, pratica e outras cousas boas, pera saber / cõpostos pello Doutor garçia dorta. – Impresso em Goa: por ioannes de endem, 10 Abril 1563. – Col. Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa



- 3 Camões, Luis de, 1524?-1580
 Los Lusíadas / de Luys de Camoes; trad.
 de portugues en castellano por Henrique Garces.
 – En Madrid: Impresso con licencia en casa
 de Guillermo Drouy, 1591. – BACL MQP 125



- 4 Camões, Luis de, 1524?-1580
 Lusiadas / de Luis de Camoens...; comentadas por
 Manuel de Faria i Sousa, Cavallero de la Orden
 de Christo, i de la Casa Real. – En Madrid: por
 Iuan Sanchez, 1639. – 2 v. – Col. Biblioteca da
 Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

AS PRIMEIRAS TRADUÇÕES

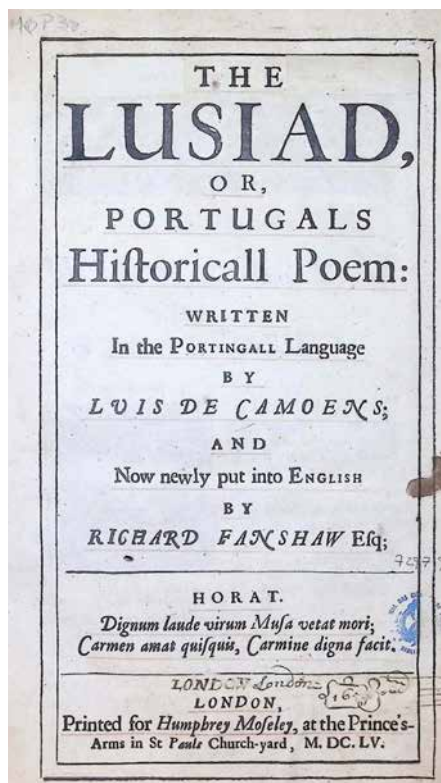
o tempo da Monarquia Dual

Em 1580, competindo, surgiram em Espanha duas traduções d’*Os Lusíadas*. Não era a primeira nem seria a última vez que se vertia para castelhano um texto luso, e o interesse pelo género épico, então crescente, há-de ter favorecido ambas as iniciativas. O facto de se concentrarem, pioneiras, na altura em que Filipe II de Espanha se preparava para ser igualmente I de Portugal, sugere a especialíssima relevância simbólica atribuída ao *opus magnum* de Camões: a par do processo político de incorporação que deu lugar à monarquia dual, *Los Lusíadas*, por Benito Caldera (aliás, Bento Caldeira), e *La Lusíada*, por Luís Gómez de Tapia, marcavam, no plano cultural, um desejo de apropriação ou de integração.

Henrique Garcês somou a este conjunto, em 1591, um novo elemento. Natural do Porto, Garcês havia residido em Lima, no Peru, e aí desenvolvera atividade múltipla – desde funcionário da Casa de la Hacienda até mercador de livros. *Los Lusíadas* foram dedicados a “Philippo Monarcha primero de las Españas, y de las Indias”, com Garcês a alardear, num soneto introdutório, a confiança de que a sua “industria” seria premiada pelo rei: “ya veo que quieres alentarme / Haziendome merced de lo pedido”.

Das quatro traduções dadas à estampa entre 1580 e 1640, três foram obra de portugueses. Com efeito, importa lembrar, além do trabalho de Benito Caldera e de Henrique Garcês, o de Manuel de Faria e Sousa. A sua tradução (uma paráfrase em prosa) tinha um estatuto ancilar na hercúlea empresa que é *Lusíadas* [...] *comentadas* (1639): reforçava a ligação entre os versos do poema, apresentados na língua original, e o comentário, redigido em castelhano; facilitava a leitura, em Espanha ou para lá das suas fronteiras.

Faria e Sousa chamou a Camões “príncipe de los poetas de España”. Nos séculos XVI e XVII, porém, *Os Lusíadas* eram vistos como uma obra portuguesa que a tradução ambicionava tornar acessível a falantes de um idioma diferente. Estava longe, ainda, aquela que seria a exaltação oitocentista da “epopeya ibérica”.



- 5 Camões, Luis de, 1524?-1580
The Lusiad, or, Portugals historical poem / written in portingall language by Luis de Camoens; and now newly put into english by Richard Fanshaw Esq. – London: printed for Humphrey Moseley, 1655. – BACL MQP 38



- 6 Lusiada italiana: alla Santita di Nostro Signore Papa Alessandro Settimo / di Carlo Antonio Paggi nobile genovese; poema heroico del grande Luigi de Camoens portoghese prencepe de' poeti delle Spagne. – Lisbona: per Henrico Valente de Oliveira, 1659. – Col. Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

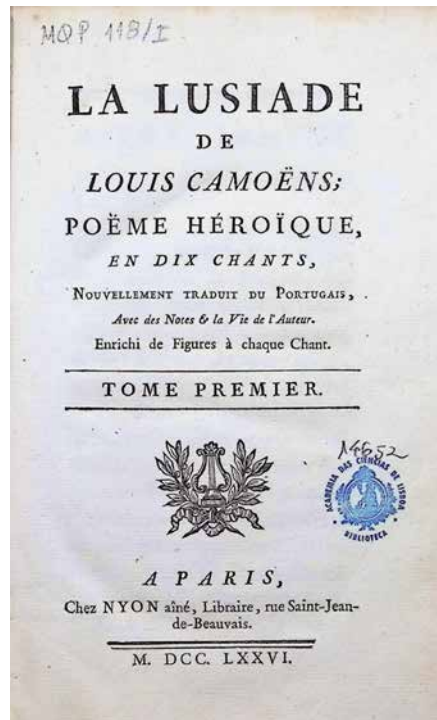
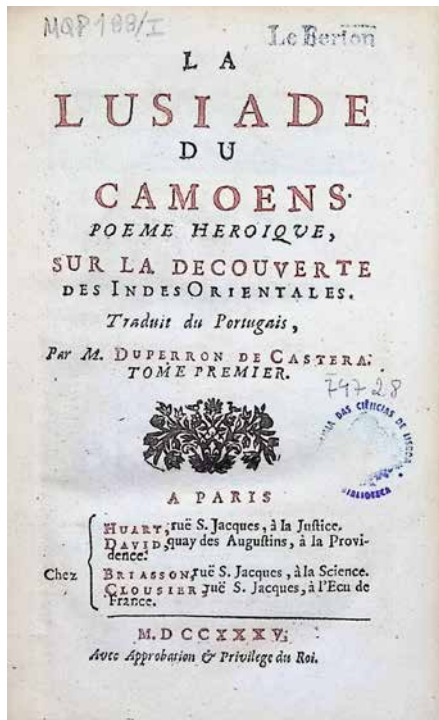
ALÉM E AQUÉM DOS PIRENÉUS

Em 1622, Tomé de Faria, bispo de Targa, publicou, sem nomear Camões, *Lusiadum libri decem*. Se o intuito era fazer uma tradução latina do poema camoniano ou levar a cabo uma imitação muito próxima, continua a ser matéria controversa. Seguro, sim, é que a transposição d’*Os Lusíadas* para latim (língua franca da *respublica litterarum*) teve assumidos obreiros seiscentistas em frei Francisco de Santo Agostinho Macedo e frei André Baião (natural de Goa). Ambos deixaram inédito o seu trabalho, o que não quer dizer que ficasse esquecido.

As voltas da fortuna talvez hajam posto o texto de frei Francisco de Macedo ao alcance de Sir Richard Fanshaw, que aí e em *Lusiadas [...] Comentadas por Manuel de Faria i Sousa* encontraria apoio para o seu próprio labor: *The Lusiad* (1655). Secretário do embaixador britânico em Madrid entre 1635-1638, Fanshaw preparou a sua versão do poema no tempo em que viveu retirado da agitação política posterior à queda de Carlos I, a quem havia sido fiel, e não deixou de gravar no trabalho feito a marca dessa circunstância. Perguntar-se-á: que peso teve *The Lusiad*, pelo que implicava de conhecimento linguístico e histórico, na escolha de Fanshaw para representar Carlos II nas negociações do seu casamento com D. Catarina de Bragança, c. 1661, e, depois, como embaixador em Portugal?

E que valor teria, na atividade diplomática de Carlo Antonio Paggi, procônsul genovês, ser autor da *Lusíada Italiana* (1.^a ed.: 1658)? Paggi esmera-se a mostrar ao público transalpino (desde logo, ao Papa Alexandre VII, a quem dedica a obra) a sua integração na sociedade áulica e académica lisboeta, mas também a exhibir, diante de leitores portugueses, o intuito de divulgar Camões em Itália. Ao cumprir este plano, seria pioneiro. A existência de versões anteriores, a que fugazmente e com ceticismo aludiram Pedro de Mariz (“Ao estudioso da lição Poética”, in *Os Lusíadas [...]*, 1613, s/f) ou Faria e Sousa, na “Vida del Poeta” (*Lusiadas [...] comentadas*, 1639, t. I, col. 57; *Rimas Varias [...] commentadas*, 1685, § 39), nunca se confirmou.

Crítico do bispo de Targa e do silêncio em que envolvera o nome de Camões, Paggi cultivava, sem escrúpulos, uma audaz maneira de traduzir. Por um lado, acrescenta: sendo genovês, como não compor umas oitavas sobre Cristóvão Colombo ou sobre a Ligúria? Por outro lado, evita censurar: ciente do melindre de alguns trechos escritos por Camões, mantém-nos. Veja-se como persiste na *Lusíada Italiana* (V, 99) a invetiva a Vasco da Gama e a “quem, na stirpe, seu se chama” (acusados, todos, de desprezarem a poesia), habilmente compensada pelos encômios que Paggi tece ao trineto do navegador, D. Vasco Luís da Gama, num epigrama paratextual.



7 Camões, Luís de, 1524?-1580

La Lusíade du Camoens: poeme heroique sur la découverte des Indes Orientales / trad. por M. Duperron de Castera. – Paris: Chez Huart, David, Briasson et Clousier, 1735. – 3 v. – BACL MQP 188/I-III

8 Camões, Luís de, 1524?-1580

La Lusíade de Louis Camoëns: poème héroïque, en dix chants / nouvellement traduit du portugais [par J.F. de La Harpe e Vaquette d'Hermilly], avec des notes & la vie de l'auteur, enrichi de figures chaque chant. – Paris: chez Nyon aîné, Libraire, 1776. – 2 v. – BACL MQP 118/I-II

9 Camões, Luis de, 1524?-1580

De Lusíade van Louis Camoëns: heldendicht in X Zangen / naer het Fransch door Lambartus Stoppendaal Pieters Zoon. – Te Middelburg: by Willem Abrahams, 1777. – BACL MQP 81

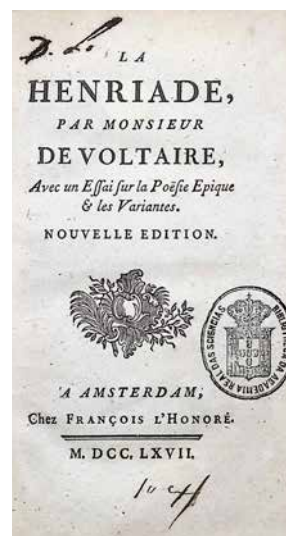


ENFIM, CHEGA A FRANÇA

Como explicar a ausência de traduções francesas d’*Os Lusíadas* nos séculos XVI e XVII? Segundo Adrien Baillet, em *Jugemens des savans sur les principaux ouvrages des auteurs* (1.^a ed: 1685; 1722, t. IV, p. 442), não é impossível que ao menos uma tenha sido preparada, c. 1585. Referir-se-lhe-iam Pedro de Mariz (“Ao estudioso da lição Poetica”, in *Os Lusíadas* [...], 1613, s/f) e o livreiro Domingos Fernandes (na dedicatória d’*Os Lusíadas* impressos em 1612)? À volta do exilado D. António, Prior do Crato, o poema de Camões podia ser uma leitura diletta, mas nada de concreto conseguimos apurar. De resto, nem o período das missões diplomáticas de D. Vasco Luís da Gama (embaixador em Paris após a Restauração, entre 1642-1646 e 1646-1649) foi propício ao aparecimento de uma versão francesa: o descendente do Capitão colecionava traduções d’*Os Lusíadas*, mas as suas cartas mostram-no sobretudo deseioso de publicar a versão latina composta por frei Francisco de Macedo.

Em França, faltaria interesse pela cultura da Península Ibérica. Mais, a valorização teórica do conceito de verossimilhança, na poética classicista que em França preponderou, era adversa à epopeia de Camões, com sua fábula mitológica. A verdade é que, bem antes d’*Os Lusíadas*, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto ou textos avulsos do Padre António Vieira foram traduzidos para francês.

Na mudança que se observa no século XVIII, coube a Voltaire um papel decisivo. Não que o autor de *La Henriade* conhecesse de perto *Os Lusíadas*. Pelo contrário: basta ver os erros cometidos no *Essay on Epick Poetry* (1.^a ed.: Londres, 1727), onde se dá como certa a presença de Camões a bordo do navio de Vasco da Gama, na viagem de 1497-1498. Voltaire era Voltaire, porém. A sua atenção despertou a atenção de muitos. Não lhe foram indiferentes Duperron de Castera (1.^a ed.: 1735) nem Hermilly e La Harpe (1.^a ed.: 1776), tradutores graças aos quais *Os Lusíadas*, além de entrarem no campo literário francês, circularam no então vasto mundo francófono e francófilo. Provam-no as versões integrais que se seguiram: holandesa (1777, repetindo as gravuras da edição de Hermilly e La Harpe), russa (1788) e polaca (1790). “Belles infidèles”?



7a Voltaire, 1694-1778

La Henriade / par Monsieur De Voltaire,... – Nouvelle edition. – A Amsterdam: Chez François L'Honoré, 1767. – BACL 11 803 14

10 Camões, Luís de, 1524?-1580

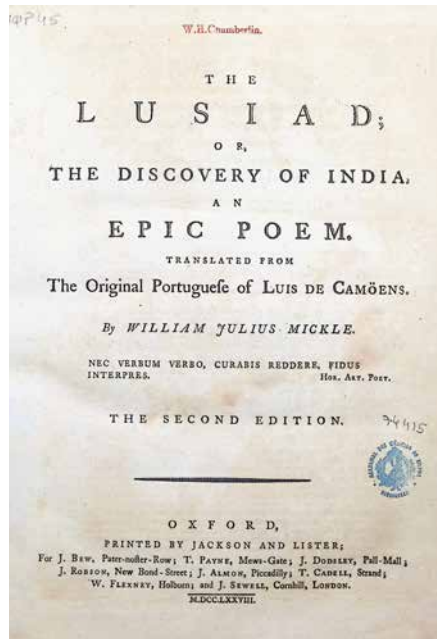
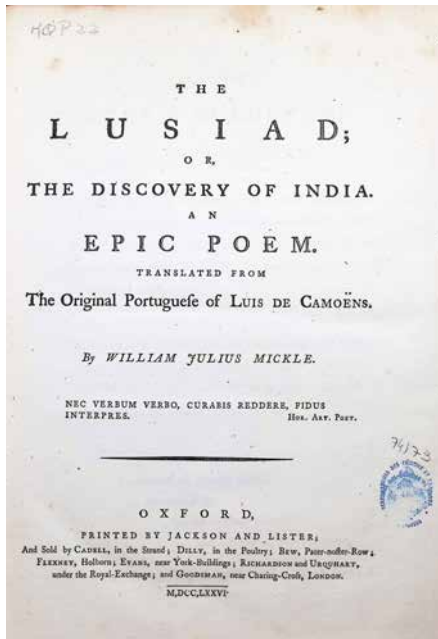
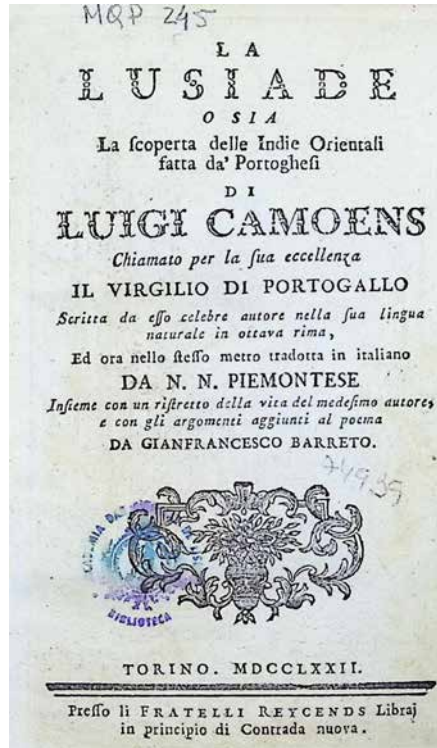
La Lusidade o sia la scoperta della Indie Orientali fatta da' Portoghesi / di Luigi Camoëns.... - Ed. ora nello stesso metro tradotta in italiano da N. N. Piemontese. - Torino: presso li Fratelli Reycends, 1772. - BACL MQP 245

11 Camões, Luís de, 1524?-1580

The Lusiad; or the discovery of India: an epic poem / translated from the portuguese of Luis de Camoens by William Julius Mickle. - Oxford: printed by Jackson and Lister, 1776. - BACL MQP 22

12 Camões, Luís de, 1524?-1580

The Lusiad; or the Discovery of India: an epic poem / translated from the portuguese of Luis de Camoens by William Julius Mickle. - Second edition. - Oxford: printed by Jackson and Lister, 1778. - BACL MQP 45



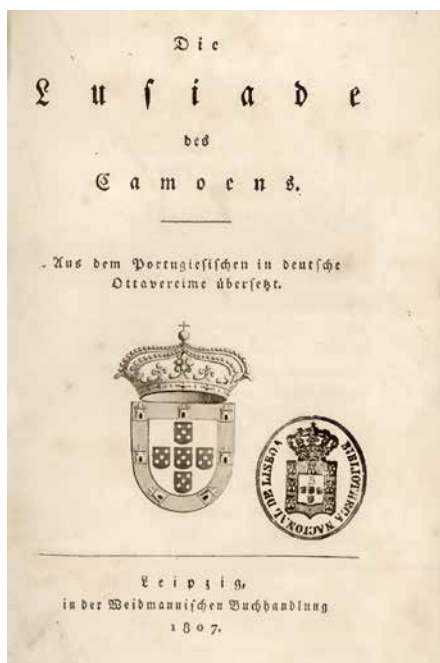
WILLIAM JULIUS MICKLE

reinventar Os Lusíadas

As traduções francesas setecentistas expandiram a recepção d’*Os Lusíadas*, igualmente incentivada por contributos vindos, não de Espanha (onde em 1728 Bárbara de Bragança casou com o futuro Fernando VI), mas de Itália, Inglaterra e Irlanda.

Publicada sob anonimato, retomando a oitava rima (em divergência com a opção de Duperron de Castera), não parece ter tido fundo impacto *La Lusíade o sia la scoperta delle Indie Orientali fatta da’ Portoghesi* (1772). Muito distinto foi o caso protagonizado pelo escocês William Julius Mickle: *The Lusiad* saiu em monumentais tomos, em 1776, e continuou por largo tempo a ser alvo de reedição. Além de traduzir com flagrante liberdade, Mickle redigiu extensos paratextos, nos quais expôs e defendeu com orgulho o seu projeto. *Os Lusíadas* – asseverava – eram “the Epic Poem of Commerce” (1776, p. I), e por isso aplicáveis ao enaltecimento e à definição do rumo do império britânico: “No lesson can be of greater national importance than the history of the rise and the fall of a commercial empire” (p. XIX).

O desembaraço de William Mickle na prática da tradução confunde-se, por vezes, com um exercício de censura. Muito embora não o diga do modo perentório que avulta no remate de *La Lusíade* (“Il traduttore disapprova generalmente tutte le espressioni usate dall’autore troppo libere, sì politiche, che morali; non ostante che senza offendere la fedeltà della traduzione egli abbia procurato di modificarle.” – 1772, p. 303), Mickle filtra e modifica o texto original. Por exemplo, o discurso do *seu* Velho do Restelo, no canto IV, termina a valorizar a tenacidade dos que se aventuram (“Yet still through fire and raging seas they run / To catch the gilded shade, and sink undone!” – 1776, p. 187); o vitupério da “sede imiga do dinheiro” “que a tudo nos obriga”, no fecho do canto VIII d’*Os Lusíadas*, é suprimido. E se, nos versos de Camões, a partida de Calecut é atribulada e sem glória, Mickle prefere reinventá-la, reescrevendo parte do canto IX e atribuindo ao Gama uma energia heróica, dramaticamente plasmada em solenes gestos e palavras.



14 Camões, Luís de, 1524?-1580
 Die Lusiade / des Camoens; aus dem Portugiesischen in deutsche Octavverse übersetzt [von Friedrich Adolph Kuhn und Carl Theodor Winckler]. – Leipzig: in der Weidmannischen Buchhandlung, 1807. – Col. particular



15 Die Lusiade / des Camoens; aus dem Portugiesischen in Deutsche Ottavereime übersetzt [von Friedrich Adolph Kuhn und Carl Theodor Winckler]... – Wien: Gedruckt und verlegt bey Thr. Fr. Schade, 1828. – BACL MQP 242

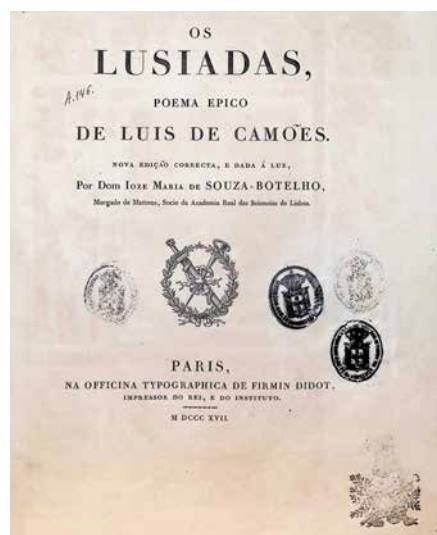
UM MAPA EM EXPANSÃO

Europa e América do Norte

No início do século XIX, a Alemanha entra no mapa das traduções d’*Os Lusíadas*. Acompanhá-la-iam, a norte, na área escandinava, a Dinamarca, a Suécia e a Noruega; a sueste, o império austro-húngaro. Em Viena retomou-se, nos anos de 1816 e 1828, a versão alemã de 1807; em Peste, em 1865, publicou-se uma nova versão da épica camoniana – *Luziáda*. Indissociável de um conjunto de relações de proximidade – linguísticas, culturais e políticas –, esta vaga liga-se ao que num espaço mais amplo acontecia.

Do outro lado do Atlântico, despontava o interesse por Camões. O contacto com o poema épico podia começar cedo. *A Portuguese and English Grammar, compiled from those of Lobato, Durham, Sane and Vieyra, and simplified for the use of students, By a Professor of Spanish and Portuguese Languages*, dedicada ao Abade Correia da Serra (Baltimore, 1820), pretendia facilitar aos jovens estudantes e ao público americano em geral “the acquisition of the beautiful language of Camoens, Vieyra, Theodora [sic] de Almeida, &c.”. Alguns exemplos eram retirados d’*Os Lusíadas*: “*para detraz*, backwards; Camoens, canto II, stanza XXIV” (p. 128); “*Que*, is sometimes rendered into English by because, as you may see in Camoens, canto II, stanza XVI. *Que levemente hum ánimo*” (p. 143). Endereçada a leitores curiosos, seria reeditada em Filadélfia, no ano de 1822, a tradução de Mickle.

Na Europa, proliferaram iniciativas sobre Camões, cuja aura heróica e trágica se ia adensando. É o tempo em que a edição d’*Os Lusíadas* pelo Morgado de Mateus (Paris, 1817), ricamente ilustrada por artistas de renome, desperta aplausos em meios áulicos e aristocráticos, após o que passa a ser, por vontade do próprio



13 Camões, Luís de, 1524?-1580

Os Lusíadas, poema épico de Luís de Camões. – Nova ed. correcta e dada á luz / por Joze Maria de Souza-Botelho, Morgado de Matheus e sócio da Academia Real das Sciencias de Lisboa. – Paris: Na Officina typographica de Firmin Didot, 1817. – BACL Reservado 9-17



16 Camões, Luís de, 1524?-1580

Camoens die Lusiaden: heroisch-episches Gedicht / aus dem portugiesischen von Karl Eitner. – Leipzig: Verlag des Bibliographischen Instituts, [18--]. – BACL MQP 141

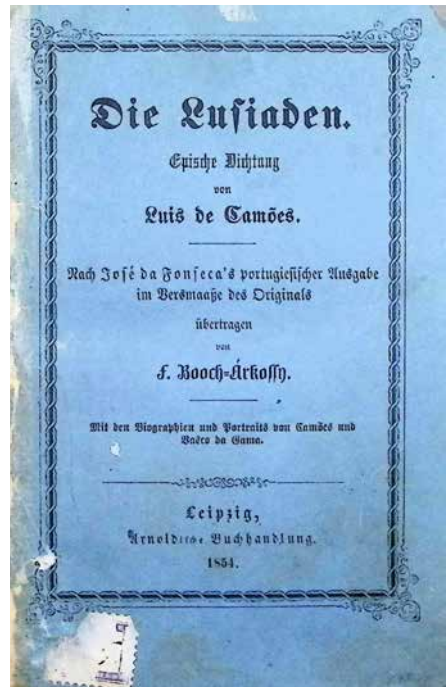
The Lusiad (1826), os protestos lavrados por Thomas Moore Musgrave soam a uma encenação de rigor, pois o seu texto conserva muito do que em voz alta Musgrave condena: “In a few passages in the Second, Ninth and Tenth Cantos, a departure from fidelity was indispensably necessary. The manners of the age, at the time the *Lusiad* was composed, were less refined than at present. Several of the poet’s expressions have, therefore, been so far modified, as to suppress their apparent licentiousness.” (1826, p. XXI). Não menos impressionantes são *Les Lusiades* de François Ragon. Embora apregoe cortes e mudanças, e embora exclua – em nome do decoro e do bom gosto – alguns passos do poema de Camões, Ragon logo ambigualmente os admite e traduz nas copiosas notas que apresenta.

Morgado, difundida em impressões de menor custo; é o tempo do *Camões* de Almeida Garrett (Paris, 1825); é o tempo em que nas artes, no teatro e na ficção surgem, com um *pathos* melodramático, obras centradas na vida (e na morte, sempre paupérrima) do poeta; é o tempo do Romantismo, em que a Alemanha, a França e a Inglaterra constituem palcos privilegiados nos quais se movem figuras tão influentes como os irmãos Schlegel (August e Friedrich), Simonde de Sismondi ou Madame de Staël, prontos a defenderem Camões e a literatura do Sul da Europa; é o tempo em que, numa Itália onde a unificação germina, ou em territórios onde se luta pela independência, *Os Lusíadas* e a sua força identitária encontram grato acolhimento.

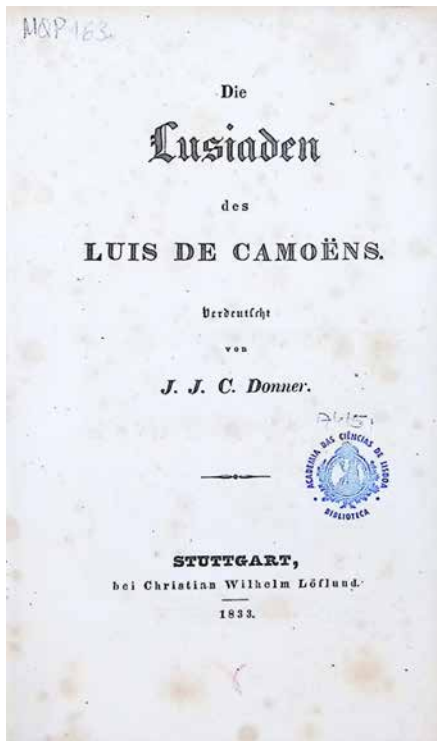
A par de novidades, são reeditadas traduções mais antigas, a um ritmo assinalável. Em toda essa persistente abundância, há versões bastante fiéis ao texto camoniano, como *I Lusiadi* [...] *Recati in ottava rima da A. Briccolani* (Paris, 1826), enquanto sobre outras a censura paira como uma sombra. Todavia, lendo



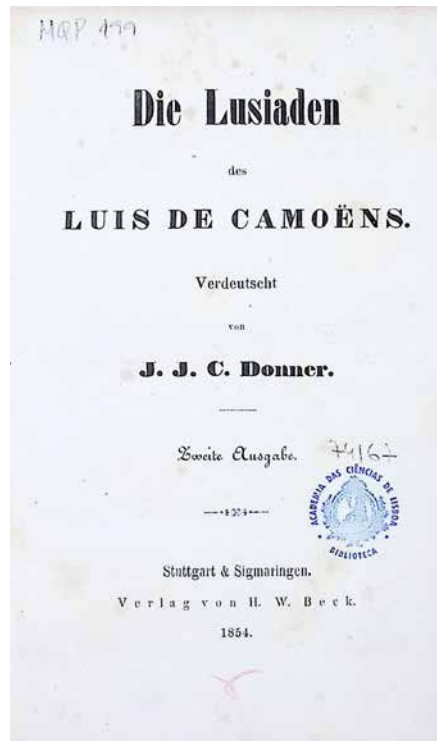
17 Camões, Luis de, 1524?-1580
Luis' de Camoens Sämmtliche Gedichte / Wilhelm Storck. – 2.^a ed. – Paderborn: Druck and Verlag von Ferdinand Schöningh, 1882-1883. – 2 v. – BACL MQP 121/I-II



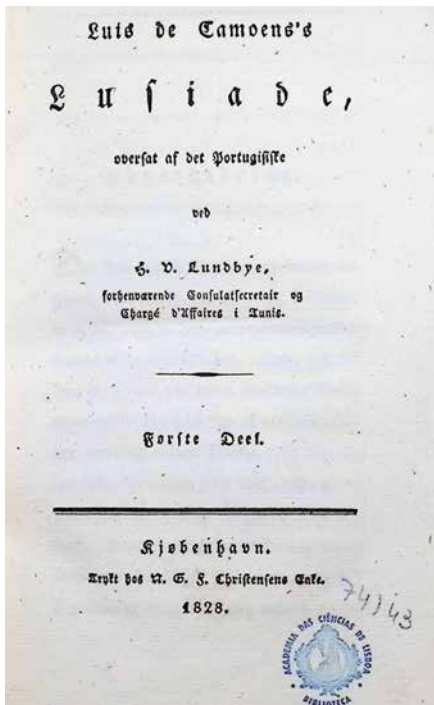
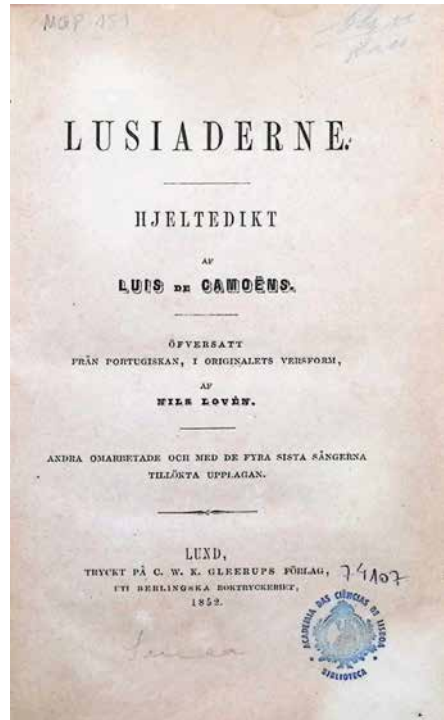
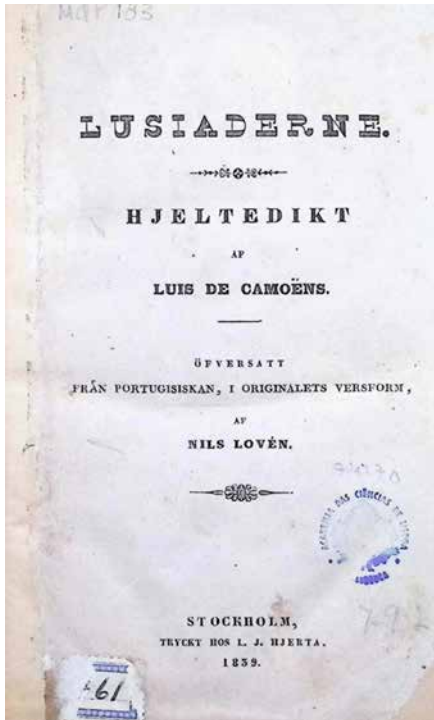
18 Camões, Luis de, 1524?-1580
Die Lusiaden: epische dichtung / von Luis de Camões; nach José da Fonseca's portugiesischer Ausgabe im Versmaake des Originals. – Leipzig: Arnoldische Buchhandlung, 1854. – BACL MQP 175



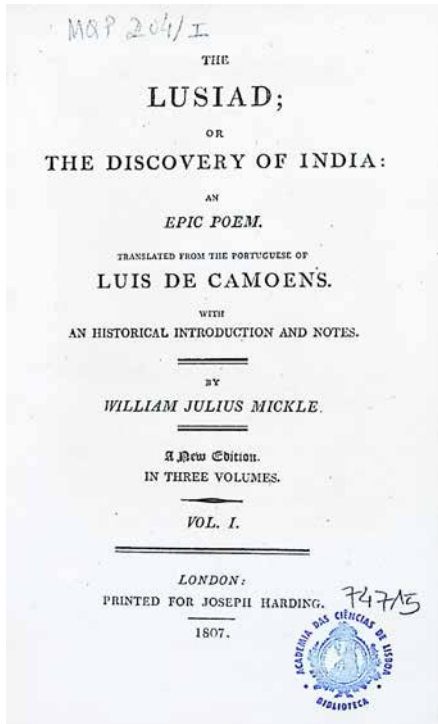
19 Camões, Luís de, 1524?-1580
Die Lusiaden / von Luís de Camoëns; ueber-
setzt von J.J.C. Donner. – Stuttgart: bei Christian
Wilhelm Löfflund, 1833. – BACL MQP 163



20 Camões, Luís de, 1524?-1580
Die Lusiaden / des Luís de Camoëns; Verdeutschet
von J. J. C. Donner. – Stuttgart & Sigmaringen:
Verlag von H.W. Beck, 1854. – BACL MQP 199

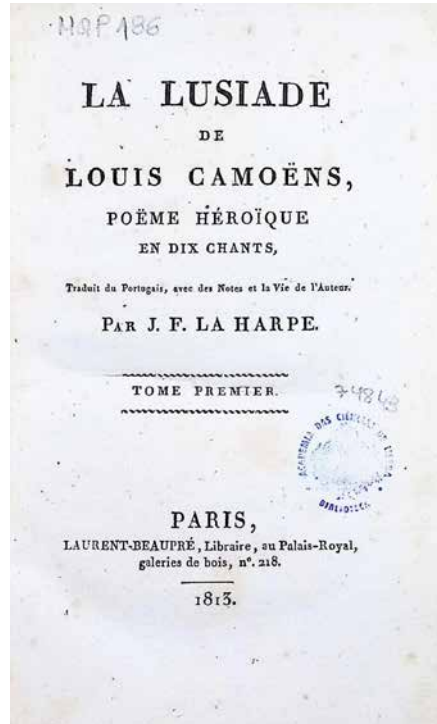


- 21** Camões, Luís de, 1524?-1580
Lusiaderne: hjeltedikt / af Luis de Camoëns; öfersatt fran Portugisiskan i originalets versform af Nils Lovén. – Stockholm: Tryckt Hos L. J. Hjerta, 1839. – BACL MQP 183
- 22** Camões, Luís de, 1524?-1580
Lusiaderne: hjeltedikt / Luis de Camoëns; öfersatt fran portugiskan i originalets versform af Nils Lovén... – 2^a ed. – Lund: Tryckt PA C. W. K. Gleerups Förlag, uti Berlingska Boktryckeriet, 1852. – BACL MQP 151
- 23** Camões, Luís de, 1524?-1580
Luis de Camoens's Lusidade / oversat af det Portugisiske ved H. V. Lundbye... – Kjøbenhavn: Trykt hos N. G. F. Christensens Enke, 1828. – BACL MQP 124



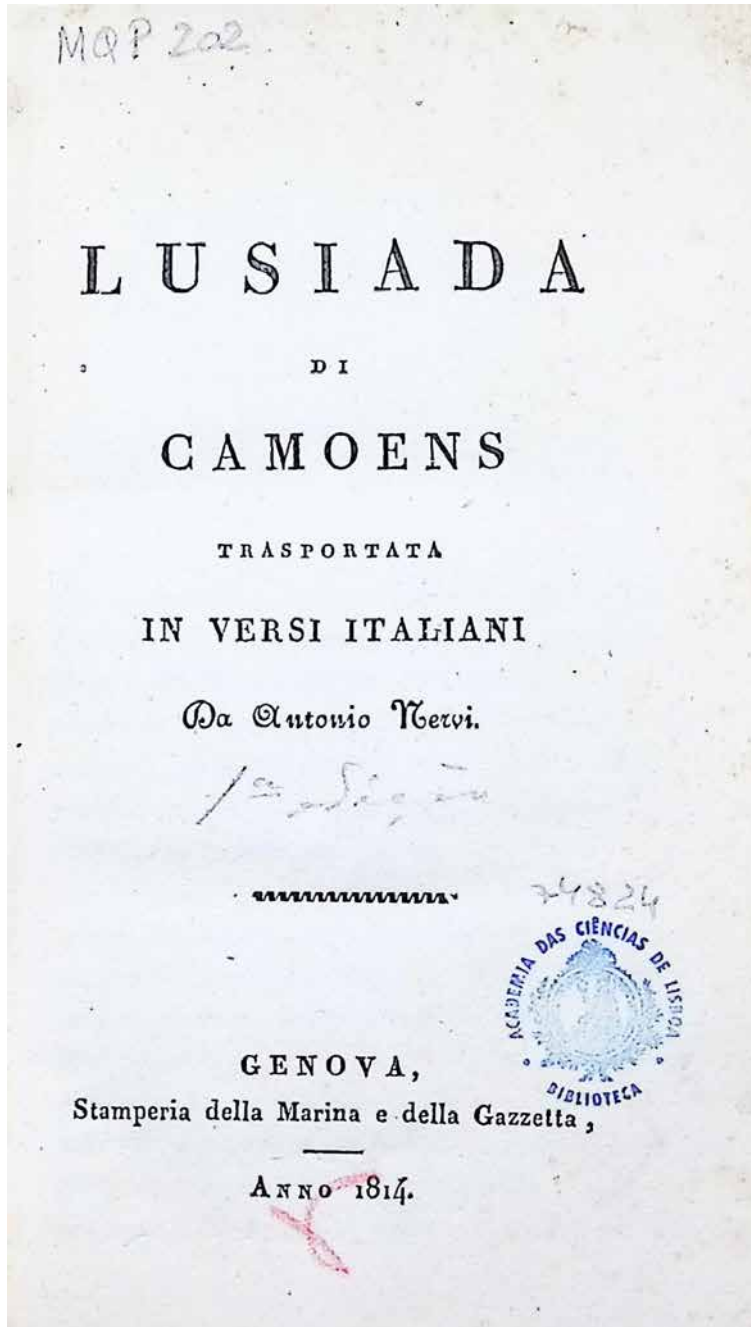
24 Camões, Luís de, 1524?-1580

The Lusiad: or, the discovery of India: an epic poem / Transl. from the original portuguese of Luís de Camones by William Julius Mickle. – New ed. – London: Printed for Joseph Harding, 1807. – 3 v. – BACL MQP 204/I-III



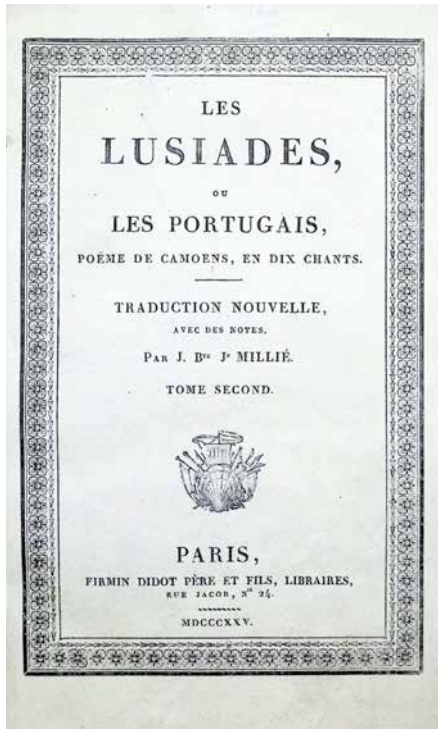
25 Camões, Luís de, 1524?-1580

La Lusiade: poème heroïque en dix chants / de Louis de Camoens; trad. du portugais avec des notes et la vie de l'Auteur par J. F. La Harpe. – Paris: Laurent Beaupré, 1813. – BACL MQP 186



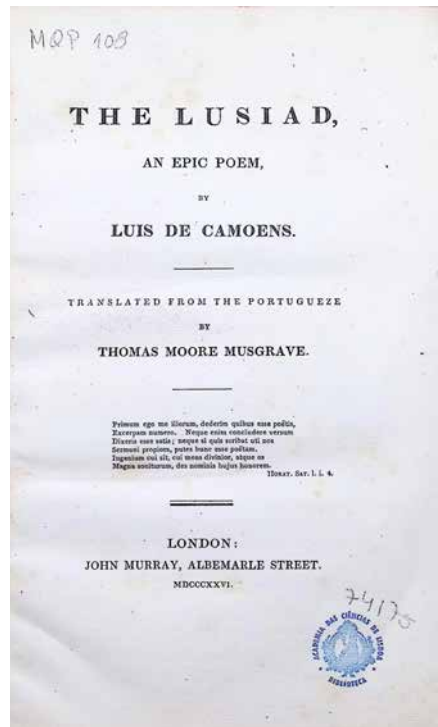
26 Camões, Luís de, 1524?-1580

Lusiada / di Camoens; transportata in versi italiani
da Antonio Nervi. – Genova: Stamperia della
Marina e della Gazzetta, 1814. – BACL MQP 202



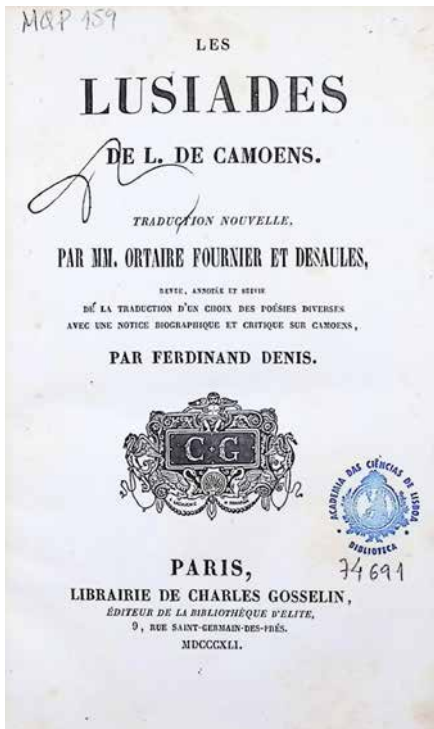
27 Camões, Luís de, 1524?-1580

Les Lusíades ou les portugais, poème de Camoens en dix chants / trad. nouvelle avec des notes par J. B. J. Millié. – Paris: Firmin Didot Père et Fils, 1825. – 2 v. – BACL MQP 91/I-II

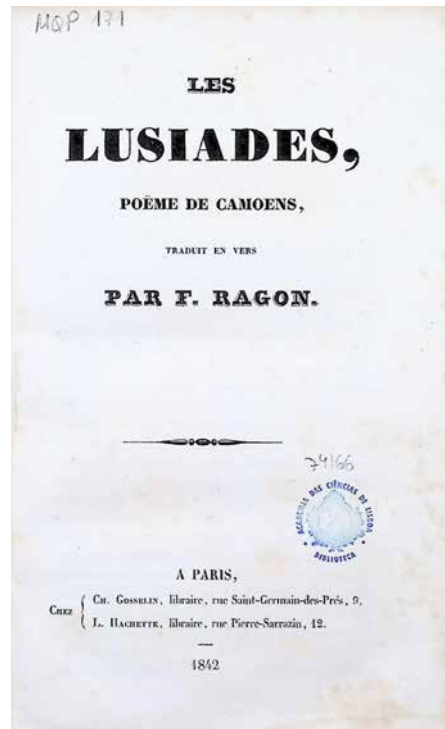


28 Camões, Luís de, 1524?-1580

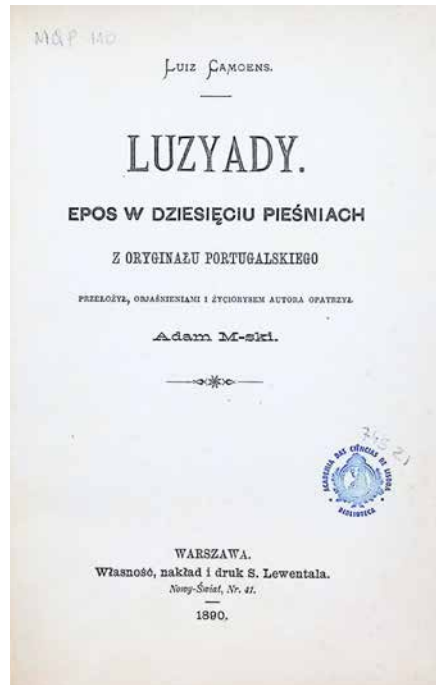
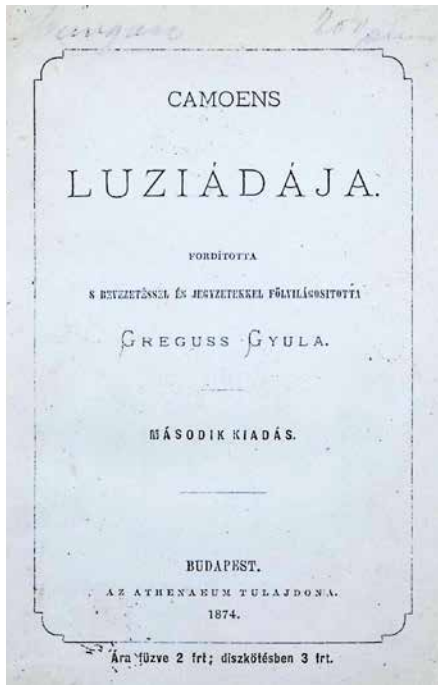
The Lusíad: an epic poem / by Luis de Camoens; transl. by Thomas Moore Musgrave. – London: John Murray, 1826. – BACL MQP 108



- 29** Camões, Luís de, 1524?-1580
Les Lusíades / L. de Camoens; traduction nouvelle par M.M.Ortaire Fournier et Desaulès; revue annotée et suivie de la trad. d'un choix des poésies diverses avec une notice biographique par Ferdinand Denis. – Paris: Libraire de Charles Gosselin, 1841. – BACL MQP 159



- 30** Camões, Luís de, 1524?-1580
Les Lusíades: poème de Camoens / trad. en vers par F. Ragon. – A Paris: chez Ch. Gosselin, 1842. – BACL MQP 171



31 Camões, Luís de, 1524?-1580

Lusiaderne: hjeltedikt / af Luis de Camoëns; ofversatt fran Portugisiskan i originalets versform af Nils Lovén. – Stockholm: Tryckt Hos L. J. Hjerta, 1839. – BACL MQP 183

32 Camões, Luís de, 1524?-1580

Lusiaderne: hjeltedikt / Luis de Camoëns; öfversatt fran portugiskan i originalets versform af Nils Lovén... – 2^a ed. – Lund: Tryckt PA C. W. K. Gleerups Förlag, uti Berlingska Boktryckeriet, 1852. – BACL MQP 151

33 Camões, Luís de, 1524?-1580

Luis de Camoens's Lusiade / oversat af det Portugisiske ved H. V. Lundbye... – Kjobenhavn: Trykt hos N. G. F. Cristensens Enke, 1828. – BACL MQP 124



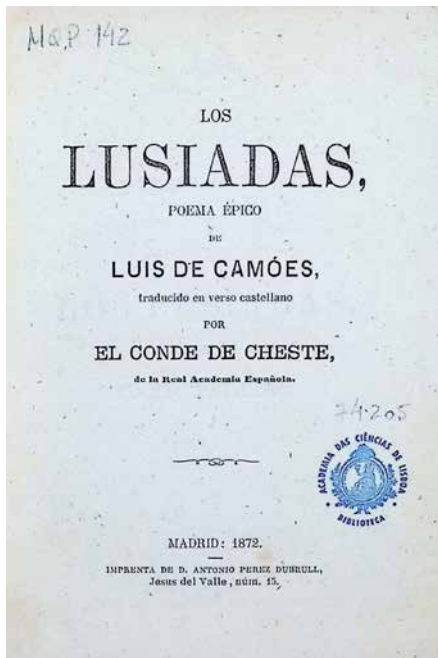
CELEBRAÇÕES OITOCENTISTAS

o tempo dos aniversários

As efemérides constituem, por regra, ocasiões férteis no campo da tradução. Traduz-se para celebrar, para alimentar a memória, para estreitar laços culturais (e, eventualmente, políticos e diplomáticos). Centenários da publicação d’*Os Lusíadas*, bem como da morte de Camões, correspondem, no século XIX (com destaque para a onda comemorativa de 1880), a surtos de atividade, quer no estrangeiro quer em território nacional.

Que a tradução possa, em alguns casos, destinar-se ao público português, merece nota. Por um lado, em Lisboa, numa parceria com casas livreiras de Londres e Filadélfia, saiu *The Lusiad of Camoens* (1880), obra de Robert Ffrench Duff. Por outro lado, numa oferta bilingue, indicio da importância então adquirida pela língua francesa no nosso país, foi dado à estampa, em Lisboa, o trabalho de Fernando de Azevedo, enquanto em Guimarães saía, com carácter póstumo, a versão incompleta dos cantos I-III, pelo Duque de Palmela, que tivera o incentivo de Madame de Staël. Não custaria somar-lhes exemplos de tradução, em idiomas diversos, de episódios avulsos d’*Os Lusíadas*.

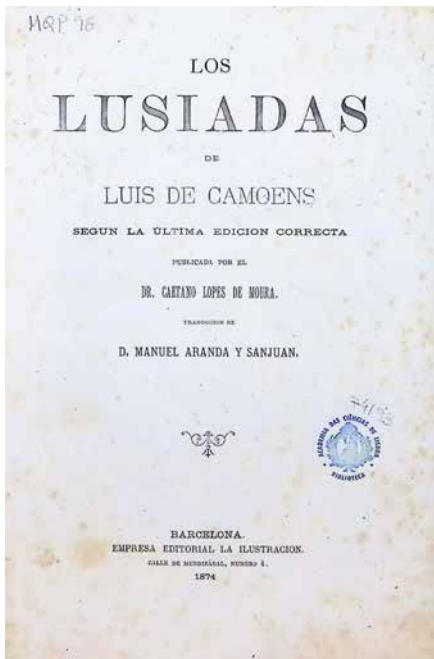
Além fronteiras, destaca-se a variabilidade da leitura e da relação estabelecida com o poema. Por exemplo, o terceiro centenário da sua publicação foi assinalado (entre outras) por três traduções consecutivas, em Madrid, Badajoz e Barcelona: 1872, 1873 e 1874. Na de 1873, D. Carlos Soler y Arques, partícipe da corrente política que defendia a união peninsular, advertiu: “proponiéndose el traductor popularizar en España la inspiración del Vate que, con estro divino, cantó la sublime epopeya ibérica del último tercio del siglo XV, sólo ambiciona prestar algun servicio á las dos nobles naciones, cuyas banderas, aunque distintas, han cobijado y cobijan sin embargo unas mismas tendencias, un mismo entusiasmo y una misma alma.” (p. IV). Poucos anos adiante, Richard Francis Burton, militar, explorador, viajante aventureiro, num gesto intensamente individual apropriava-se das palavras com que Dante homenageara o clássico Virgílio, chamando “maestro” a Camões. Assim escreveu num soneto-proémio. Ao traduzir *Os Lusíadas* (“Englished”, anuncia o frontispício), acrescentou, assumindo-o, várias estrofes de sua lavra: V, 12a; X, 38a, 95a. Para lá de um espelho de vida, Burton descobria na obra do “Arch-poet of Portugal” (1880, vol. I, p. XII) o mundo inteiro.



34 Camões, Luís de, 1524?-1580
Los Lusíadas: poema épico / de Luis de Camões; trad. por Conde de Cheste. – Madrid: Imprenta de D. António Perez Dubrull, 1872. – BACL MQP 142



35 Camões, Luís de, 1524?-1580
Os Lusíadas: Los Portugueses / poema de Luis de Camoens; traducido por D. Carlos Soler y Arques. – Badajoz: Establecimiento tipografico de José Santamaria, 1873. – BACL MQP 19



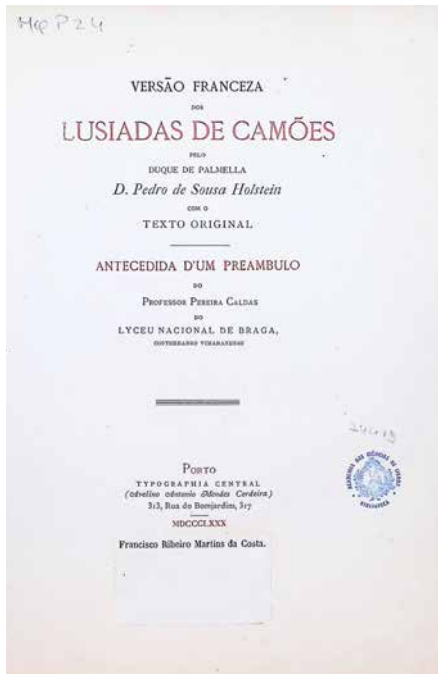
36 Camões, Luís de, 1524?-1580

Los Lusíadas / de Luis de Camoens; segun a ultima edicion correcta publicada por el Dr. Caetano Lopes de Moura. – Barcelona: Empresa Editorial La Ilustracion, 1874. – BACL MQP 98



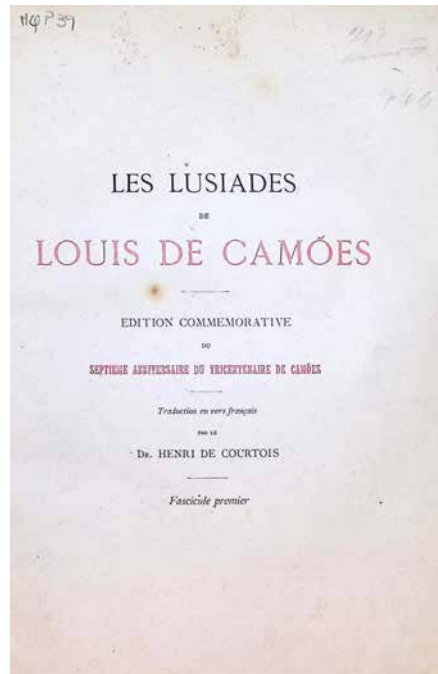
37 Camões, Luís de, 1524?-1580

Os Lusíadas. poema épico em dez cantos / acompanhados da versão francesa do mesmo poema por Fernando de Azevedo, prol. por M. Pinheiro Chagas, des. de Soares dos Reis, grav. de J. Pedroso. – Lisboa, Imprensa Nacional, 1878. – BACL 1.109.3



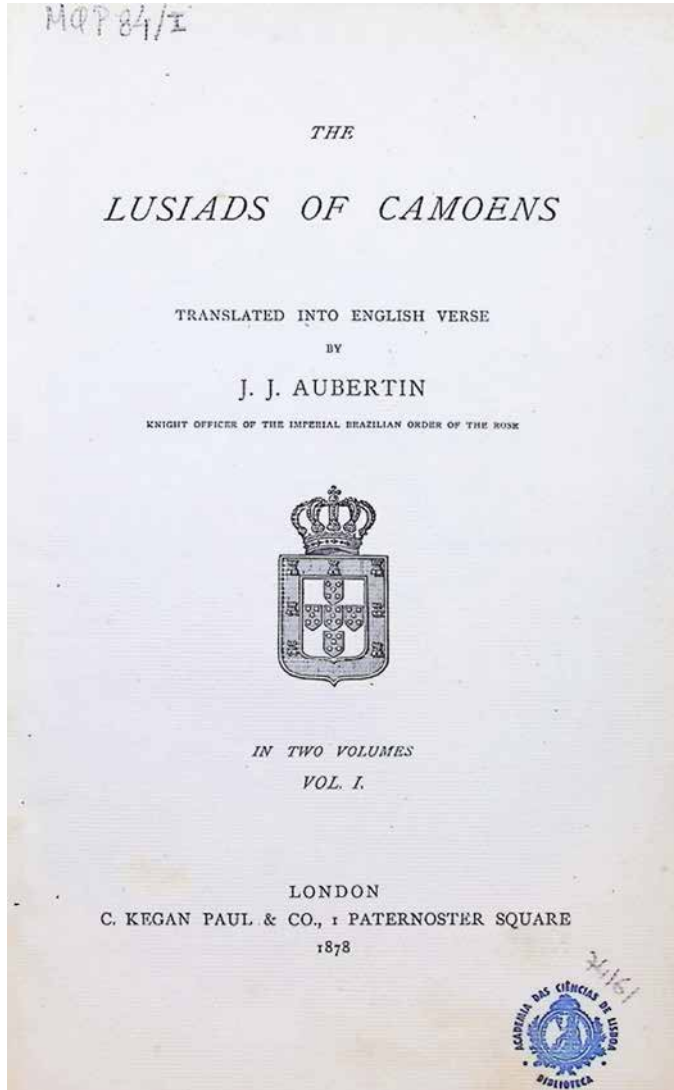
38 Camões, Luís de, 1524?-1580

Los Lusíadas: poema épico / de Luis de Camões; trad. por Conde de Cheste. – Madrid: Imprenta de D. António Perez Dubrull, 1872. – BACL MQP 142



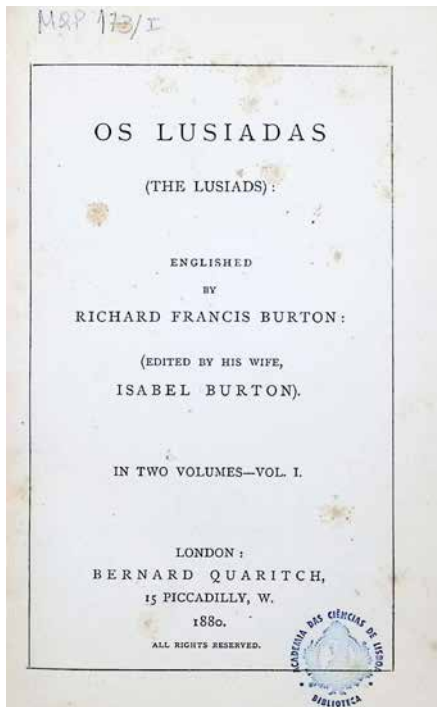
39 Camões, Luís de, 1524?-1580

Os Lusíadas: Los Portugueses / poema de Luis de Camoens; traducido por D. Carlos Soler y Arques. – Badajoz: Establecimiento tipografico de José Santamaria, 1873. – BACL MQP 19

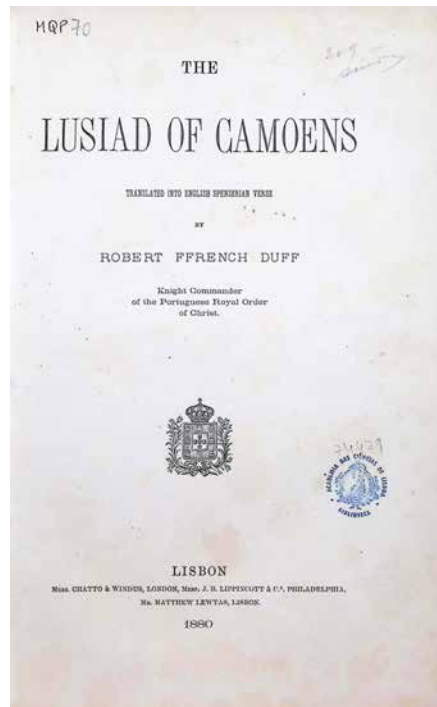


40 Camões, Luís de, 1524?-1580

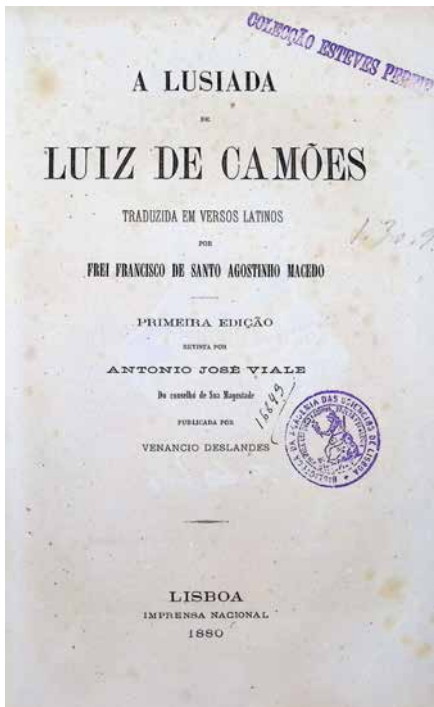
Os Lusíadas: Los Portugueses / poema de Luis de Camoens; traducido por D. Carlos Soler y Arques. – Badajoz: Establecimiento tipográfico de José Santamaria, 1873. – BACL MQP 19



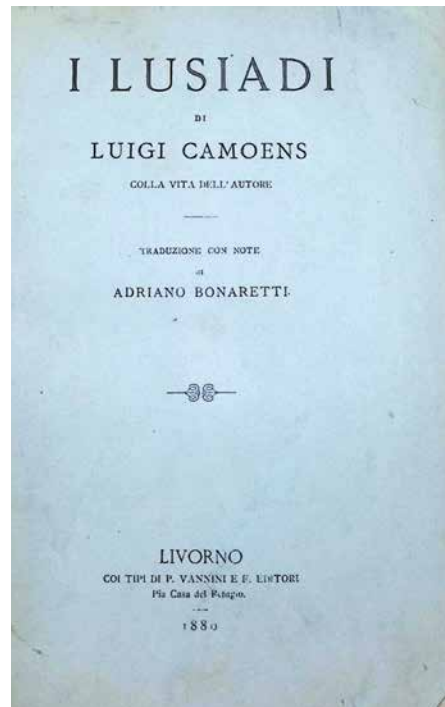
41 Camões, Luís de, 1524?-1580
Os Lusíadas = The Lusiadas / [Luiz de Camões];
[trad.] Richard Francis Burton; ed. by... Isabel
Burton. – London: Bernard Quaritch, 1880. – 2 v. –
BACL MQP 173/I-II



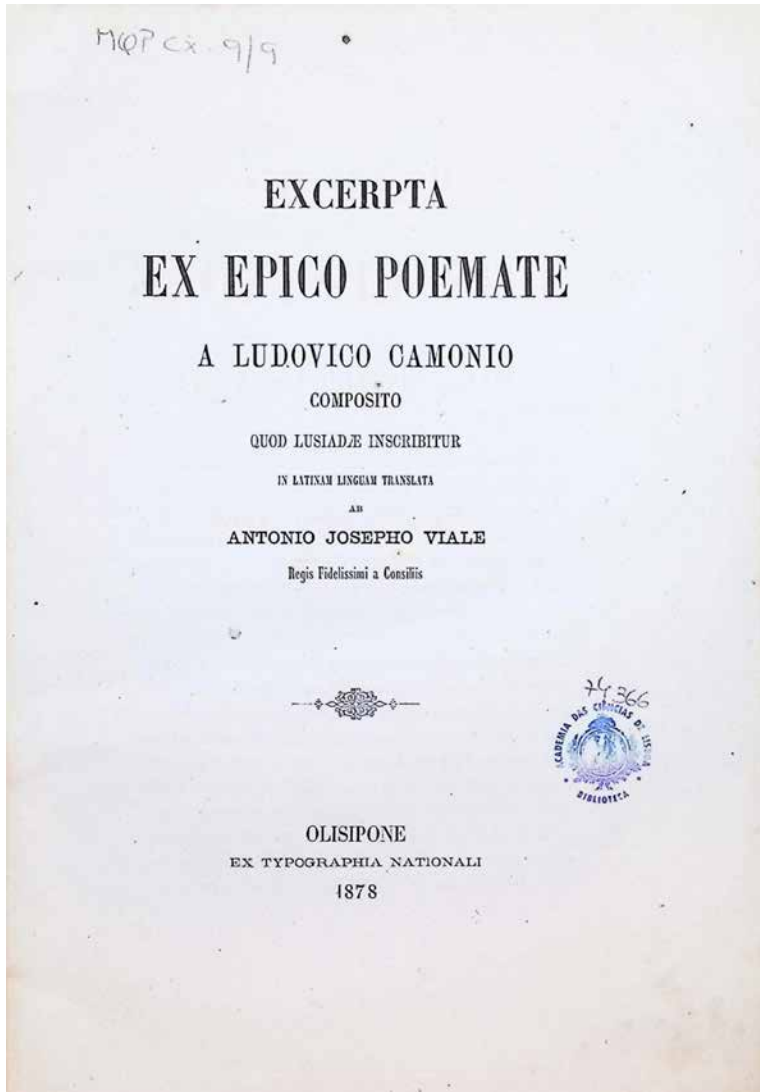
42 Camões, Luís de, 1524?-1580
The Lusiad of Camoens / trad. Robert Ffrench
Duff. – Lisbon: Matthew Lewtas; London: Chatto
and Windus; Philadelphia: J. B. Lippincott, 1880. –
BACL MQP 70



- 43** Camões, Luís de, 1524?-1580
A Lusíada de Luiz de Camões/ trad. em versos latinos por frei Francisco de Santo Agostinho Macedo. – 1ª ed.; rev. por Antonio José Viale. – Lisboa, Imprensa Nacional, 1880. – BACL 1.100.7



- 44** Camões, Luís de, 1524?-1580
I Lusíadi / di Luigi Camoens...; trad. con note di Adriano Bonaretti. – Livorno: Coi Tipi di P. Vannini e F. Editori, 1880. – BACL MQP 128



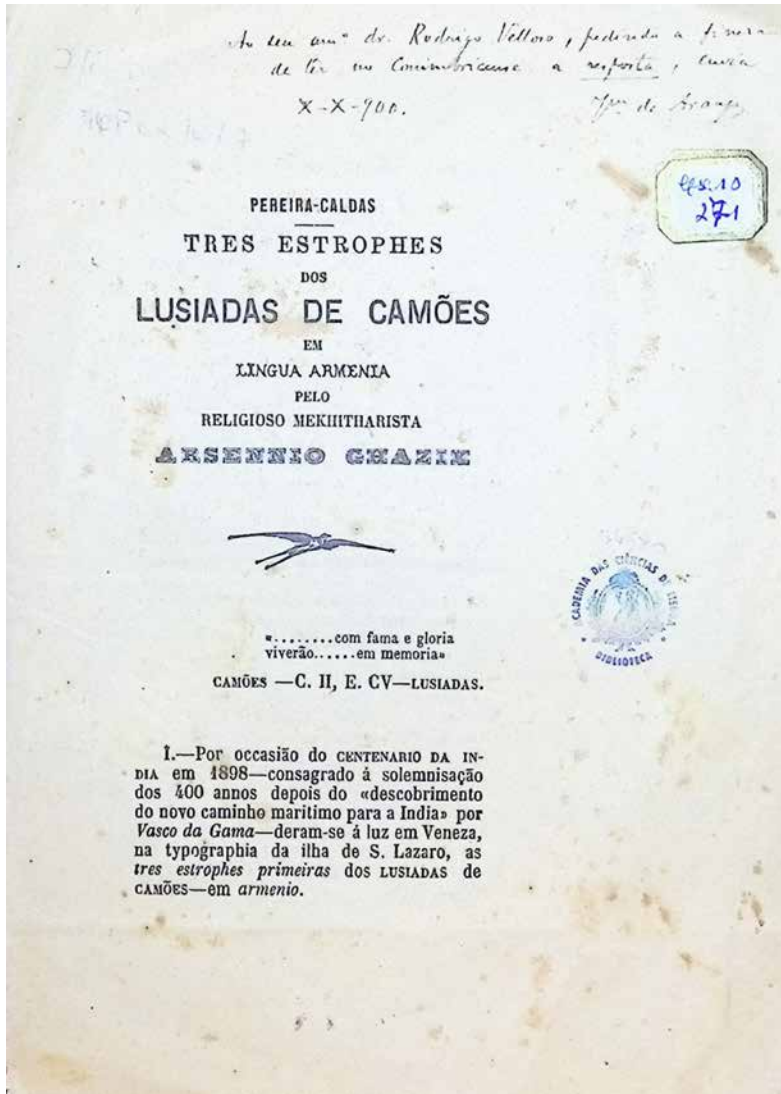
45 Camões, Luís de, 1524?-1580

Alguns excerpτος dos Lusíadas = excerpta ex epico poemate / do grande Luiz de Camões; com tralação em versos latinos por António José Viale. – Lisboa: Imprensa Nacional, 1878. – BACL MQP Cx. 9/9

FRAGMENTOS

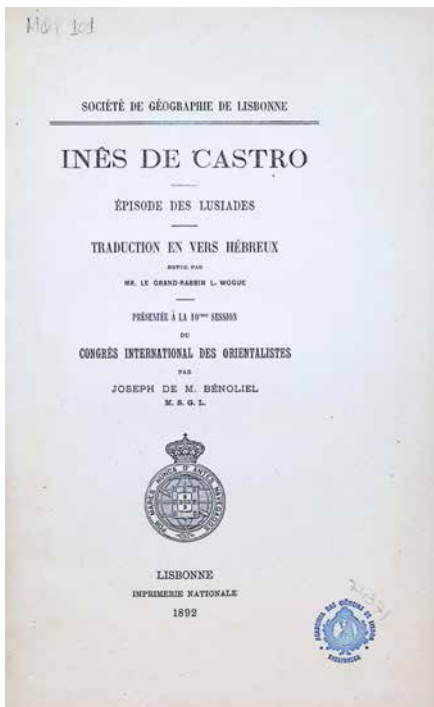
Um percurso pela tradução d'*Os Lusíadas* não dispensa a evocação de contributos parcelares, fragmentários, que em elevado número se espalham, sobretudo a partir do século XIX, pelo mapa aqui desenhado. Devido à tipologia da sua transmissão, quase sempre dispersa em jornais, revistas e folhetos (testemunhos frágeis), são difíceis de inventariar. Motivados por datas celebrativas ou não, esses textos amiúde serviram de publicidade a obras em estaleiro, preludivando o aparecimento de uma edição integral. Noutros casos, constituíram exercícios pontuais, isolados ou concebidos no âmbito de uma sociabilidade literária. Todos têm sua eloquência: revelam modos de entender a prática da tradução; indiciam especiais predileções por lugares ou episódios do poema camoniano, sugerindo um cânone antológico. A menos que futuras investigações o desmintam, quem quer conquistar público e provar a qualidade d'*Os Lusíadas* tende a dar a ler as estrofes onde sobressaem as figuras de Inês de Castro ou do Adamastor.

Significativa, ainda, é a presença esparsa (e muitas vezes inesperada) de passos breves d'*Os Lusíadas*, citados por traduções disponíveis ou numa versão criada por quem os usa. O investimento do texto de Camões e a intencionalidade desta aplicação merecem cuidado estudo. Quem, onde, quando, como, com que propósitos? A resposta a estes quesitos há-de pôr em evidência uma difusão discreta, mas nem por isso menos relevante.



46 Caldas, José Joaquim da Silva Pereira, 1818-1903

Tres estrophes dos Lusiadas de Camões / em lingua armenia pelo religioso Mekhitharista Arsenio Ghazik; por Pereira Caldas. - [Braga: s.n., 1900]. -
BACL MQP Cx. 10/7

**47 Camões, Luis de, 1524?-1580**

Episódios de Ignez de Castro e Adamastor: extrahidos dos cantos III e V dos Lusíadas / Luiz de Camões; trad. em versos franceses por J. A. d'Escodeca de Boisse. – Lisboa: Imprensa Nacional, 1865. – BACL MQP Cx. 1/4

48 Camões, Luis de, 1524?-1580

Ignez de Castro: episódio extrahido do canto terceiro do poema épico Os Lusíadas / Luiz de Camões. – Ed. em 15 línguas. – Lisboa: Imprensa Nacional, 1880. – BACL MQP 14

49 Camões, Luis de, 1524?-1580

Inês de Castro: episode des Lusíades / trad. en vers hebreux revue par Mr. le grand-Rabbin L. Wogue; par Joseph de M. Bénéliel... – Lisbonne: Impr. Nationale, 1892. – BACL MQP 101

50 Camões, Luís de, 1524?-1580

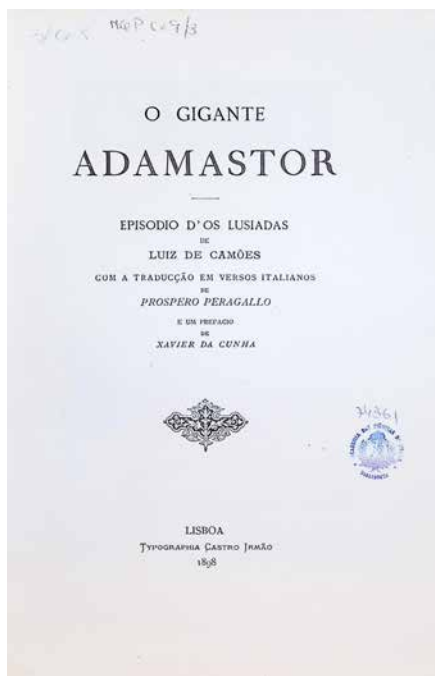
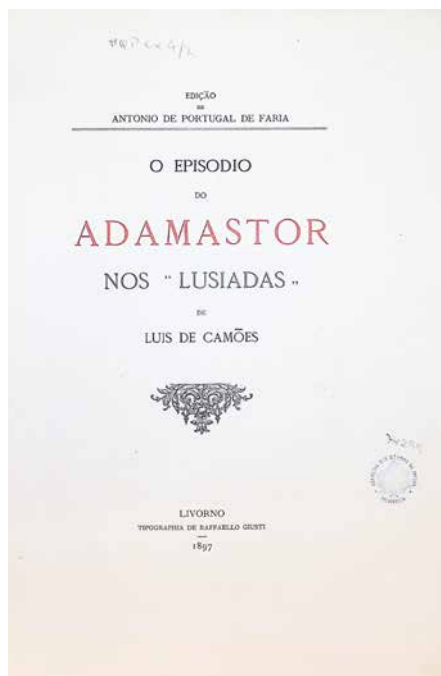
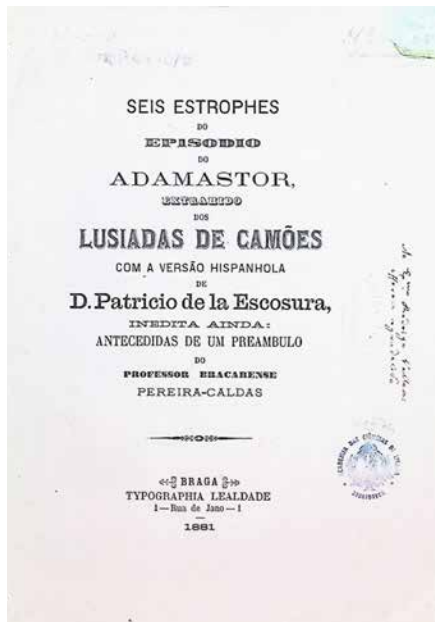
Seis estrophes do episodio do Adamastor, extrahido dos Lusíadas de Camões / com a versão hispanhola de D. Patricio de la Escosura inedita ainda; antecedidas de um preambulo do Prof... Pereira Caldas. – Braga: Typographia Lealdade, 1881. – BACL MQP Cx. 10/8

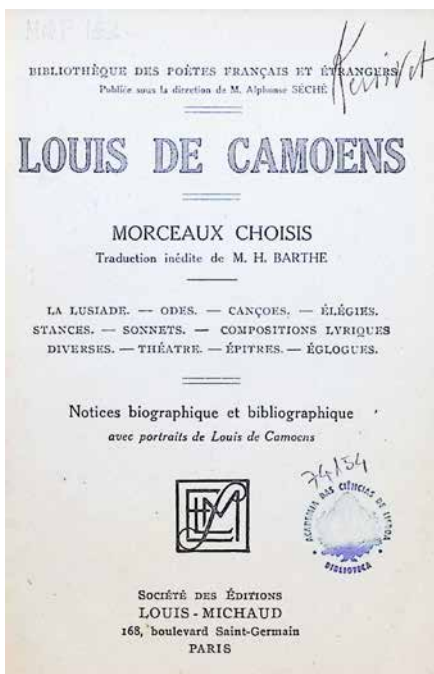
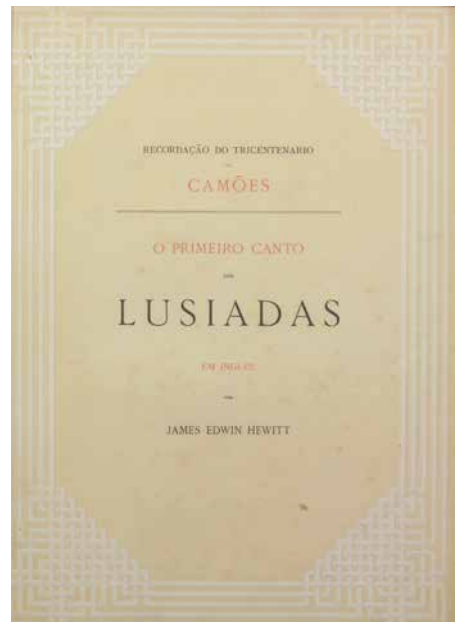
51 Camões, Luís de, 1524?-1580

O episodio do Adamastor nos “Lusiadas” de Luis de Camões / edição de Antonio Portugal de Faria. – Livorno: Tipographia de Raffaello Giusti, 1897. – BACL MQP Cx. 4/2

52 Camões, Luís de, 1524?-1580

O gigante Adamastor: episodio d’Os Lusíadas... / Luís de Camões; trad. de Prospero Peregallo; pref. Xavier da Cunha. – Lisboa: Typographia Castro Irmão, 1898. – BACL MQP Cx. 9/3



**53 Camões, Luís de, 1524?-1580**

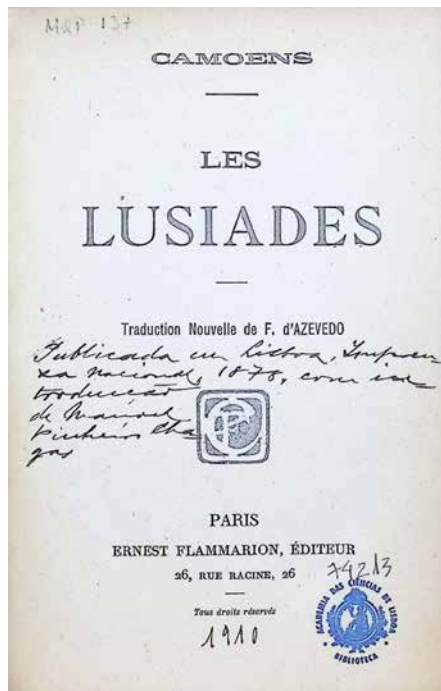
Episódio da Ilha de Venus extrahido dos Lusíadas de Camões / versão franceza de Cournand; preambulo do Professor Pereira Caldas... – Braga: Typ. Lealdade, 1880. – BACL MQP Cx. 9/4

54 Camões, Luís de, 1524?-1580

O primeiro canto dos Lusíadas em inglez / Luís de Camões; trad. James Edwin Hewitt. – Lisboa: Imprensa Nacional, 1881. – BACL Cx. 284/5

55 Camões, Luís de, 1524?-1580

Louis de Camoens: morceaux choisis / trad. M. H. Barthe. – Paris: Société des éditions Louis Michaud, [1900]. – BACL MQP 182



56 Camões, Luís de, 1524?-1580

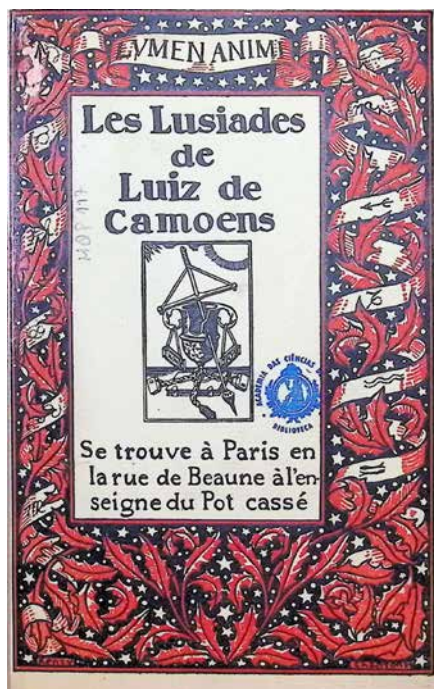
Les Lusíades / Camoens; trad. de F. d' Azevedo. – Paris: Ernest Flammarion, [19–]. – BACL MQP 137

57 Camões, Luís de, 1524?-1580

Les Lusíades / Luis de Camões; trad. Roger Bismut. – Nouvelle ed. – Lisbonne: Fondation Calouste Gulbenkian, 1961. – BACL MQP 83

58 Camões, Luís de, 1524?-1580

Les lusíades de Luiz de Camoens / [traduit du portugais par J. B. J. Millié; a été illustré par Bernard Roy]. – Paris: imprimerie F. Paillart, [1931]. – BACL MQP 117

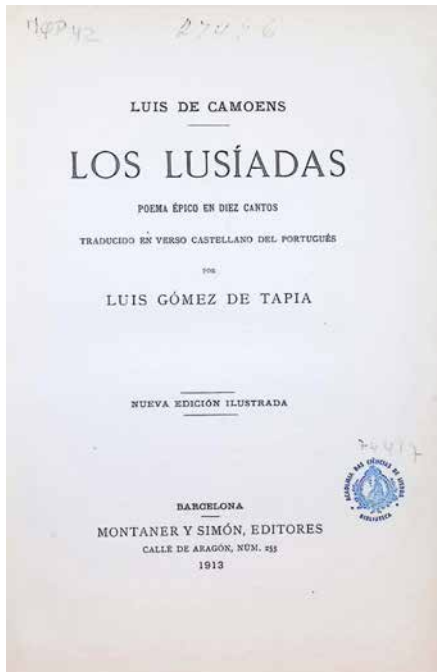


SÉCULOS XX-XXI

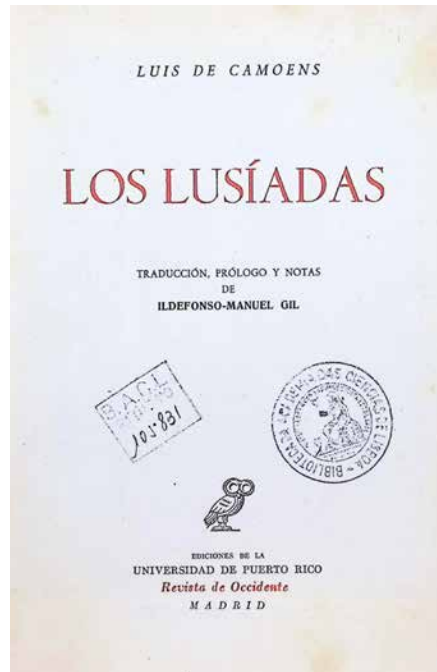
Nos séculos xx e xxi, multiplicam-se as reedições e as traduções, procurando atingir públicos diversos ou gerar dinâmicas mais ambiciosas. Por exemplo, quando, no ano de 1955, Ildelfonso-Manuel Gil lançou um texto novo, estabeleceu uma parceria que ligava Madrid e a Universidade de Puerto Rico: a Biblioteca de Cultura Básica integrava *Los Lusíadas* para os fazer chegar “a los lectores de habla hispánica”. Poucas décadas volvidas, línguas faladas na África e na Ásia foram igualmente acolhendo o poema de Camões.

Uma cronotopia dispensa comentários. Veja-se: a partir da adaptação de João de Barros para o público infantil, seria elaborada, ainda em 1942 e em Macau, uma versão em mandarim. Seguiu-se-lhe, por volta de 1960, uma tradução integral, destruída pelo autor, receoso de represálias no contexto da revolução cultural maoísta; depois outra, em 1995 (com reedições). Já em 1978 e 1988 haviam aparecido, respetivamente, uma tradução japonesa e uma para sul-coreano. Versões para concani (2003) e para malaiala (2016) foram produzidas na Índia. Na Turquia, conta-se uma tradução, em 2021. Na Indonésia, mais uma, em 2022, ano em que *Os Lusíadas* tiveram, outrossim, a sua tradução para árabe magrebino.

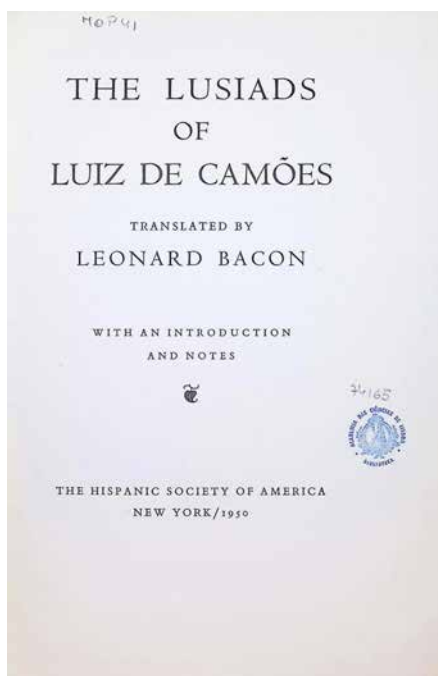
Subjacente a esta maré está, em alguns casos, o incentivo português, seja oficial (Fundação do Oriente, Instituto Camões) seja de indole mecénática (Livraria Lello, no que toca à tradução para árabe magrebino). Percebe-se, igualmente, a importância dos núcleos académicos, viveiros de leitura, disseminados por vários pontos do globo. Enfim, a inclusão de traduções d’*Os Lusíadas* em coleções de baixo custo e ampla difusão, em línguas como o espanhol ou o inglês, oferece, hoje, Camões a leitores de múltiplas origens. E, se a materialidade do livro não é despicienda, tão-pouco o vem sendo, de meados do século xx em diante, a facilidade de encomendar obras disponíveis no mercado, ou de aceder a digitalizações que circulam na *internet*.



- 59** Camões, Luis de, 1524?-1580
Los Lusíadas: poema épico en diez cantos / Luis de Camoens; trad. en verso castellano del portugués por Luis Gómez de Tapia. – Nueva edición ilustrada. – Barcelona: Montaner y Simón Editores, 1913. – BACL MQP 42

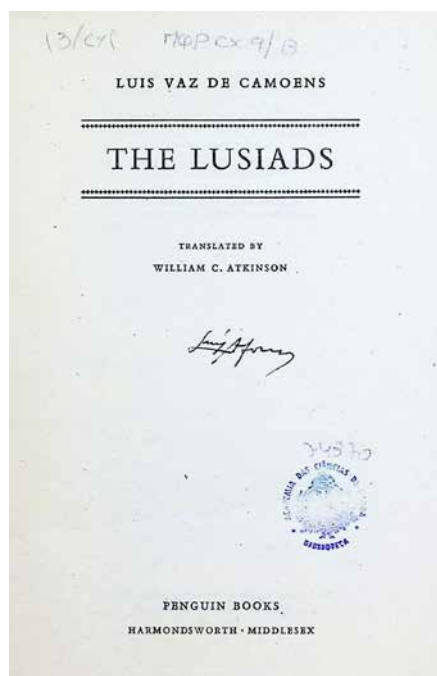


- 60** Camões, Luís de, 1524?-1580
Luis de Camoens, Los Lusíadas / trad. prólogo, y notas de Ildelfonso-Manuel Gil. – Madrid, Ediciones de la Universidad de Puerto Rico, 1955. – BACL Av. B 1823



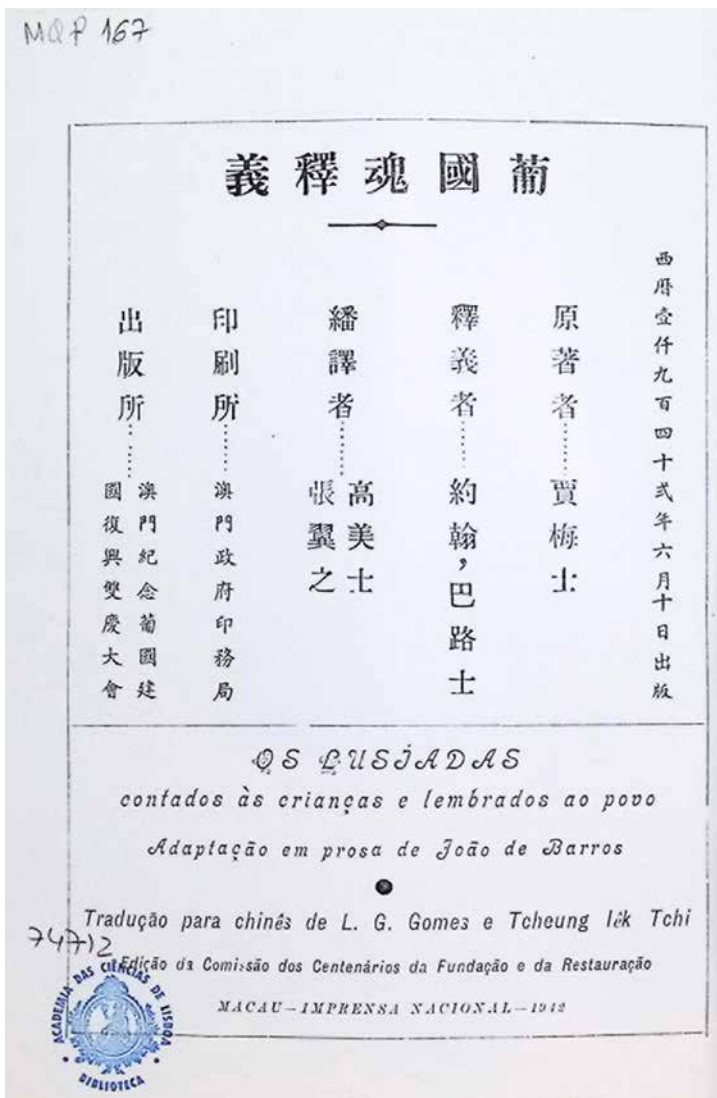
61 Camões, Luís de, 1524?-1580

The Lusiads / of Luiz de Camões; translated by Leonard Bacon with an introd. and notes. – New York: The Hispanic Society of America, 1950. – BACL MQP 41



62 Camões, Luís de, 1524?-1580

The Lusiads / Luis Vaz de Camoens; transl. William C. Atkinson. – Harmondsworth: Penguin Books, 1952. – BACL MQP Cx. 9/13



63 Barros, João de, 1881-1960

Os Lusíadas contados às crianças e lembrados ao povo / adapt. em prosa de João de Barros; trad. para chinês L. G. Gomes e Tcheung Iek Tchi. - Macau: Comissão dos Centenários da Fundação e Restauração: Imprensa Nacional, 1942. - BACL MQP 167



64 Camões, Luís de, 1524?-1580

Els Lusíades / Luís Vaz de Camões; trad. Guillem Colom, Miguel Dolç. –
2ª ed. – Barcelona: Editorial Alpha, 2010. – ISBN 9788498591484. –
BACL Av. C 21520

CAMÕES, POETA UNIVERSAL

Camões é um poeta universal pela qualidade do que escreveu, mas também – e no sentido imediato da palavra – pela difusão que vem há muito suscitando, desde logo sob a forma de traduções. O processo não obedece a leis absolutas, mas é possível identificar contextos propícios, relações, tendências, probabilidades. Seguindo em diacronia a universalização d’*Os Lusíadas* – a mais célebre e a mais admirada de todas as obras camonianas –, temos motivos para crer que algumas condições de caráter político, diplomático, cultural ou linguístico favoreceram o encontro com o poema e o desejo de o projetar. A história ilumina a fortuna d’*Os Lusíadas*, sendo igualmente por ela iluminada.

Na verdade, faz-se de muitas histórias, uma vida de resistência a Cronos, eterno devorador, e de desafio à diferença que é própria do mundo babélico. Nas traduções da épica camonianiana, levadas a cabo por tantas e tão várias figuras (obteríamos uma estupeficante galeria, se as reuníssemos), revelam-se leituras, modos de apropriação. Quanto mais nítido for o conhecimento de cada caso, mais fina resultará a consciência do valor deste clássico no largo mapa das relações humanas. Um poema fazendo caminho no tempo e no espaço: disso se trata, afinal.

Não erraremos dizendo, com Marc Fumaroli, que existe uma diplomacia do espírito: uma capacidade de ligar, aproximar ou mesmo fascinar (até contra a corrente dominante), que é timbre da literatura. A longa peregrinação d’*Os Lusíadas*, e o seu quase meio milénio de idade, confirma-o e dá-nos muito que pensar.

LISTA DE TRADUÇÕES

IDIOMA		TÍTULO	PAÍS	ANO
Castelhano	Benito Caldera	<i>Los Lusíadas</i>	Alcalá de Henares	1580
Castelhano	Luís Gomez de Tapia	<i>La Lusíada</i>	Salamanca	1580
Castelhano	Henrique Garcês	<i>Los Lusíadas</i>	Madrid	1591
Latim	Tomé de Faria	<i>Lusiadum libri decem</i>	Lisboa	1622
Castelhano	M. Faria e Sousa	<i>Lusíadas</i>	Madrid	1639
Inglês	Richard Fanshaw	<i>The Lusíad</i>	Londres	1655
Italiano	Carlo Antonio Paggi	<i>Lusíada Italiana</i>	Lisboa	1658
Italiano		<i>Lusíada Italiana</i> . Carlo Antonio Paggi	Lisboa	1659
Francês	Duperron de Castera	<i>La Lusíade</i>	Paris	1735
Francês		<i>La Lusíade</i> . Duperron de Castera	Paris	1768
Italiano	N.N.= Miguel Antonio Gazzano	<i>La Lusíade</i>	Turim	1772
Francês	[J.F. de La Harpe e Vaquette d'Hermilly]	<i>La Lusíade</i>	Paris	1776
Francês		<i>La Lusíade</i> . La Harpe	Londres [Yverdon]	1776
Francês		<i>La Lusíade</i> . [J.F. de La Harpe e Vaquette d'Hermilly]	Paris	1776
Inglês	William Julius Mickle	<i>The Lusíad</i>	Oxford	1776
Neerlandês	Lambartus Stoppendaal	<i>De Lusíade</i>	Middelburg/Amsterdão	1777
Inglês		<i>The Lusíad</i> . William Julius Mickle	Oxford	1778
Russo	Dmitriévime	<i>Louziada</i>	Moscovo	1788
Polaco	Jacob Przybylski	<i>Luzyada</i>	Cracóvia	1790
Inglês		<i>The Lusíad</i> . William Julius Mickle	Dublin	1791

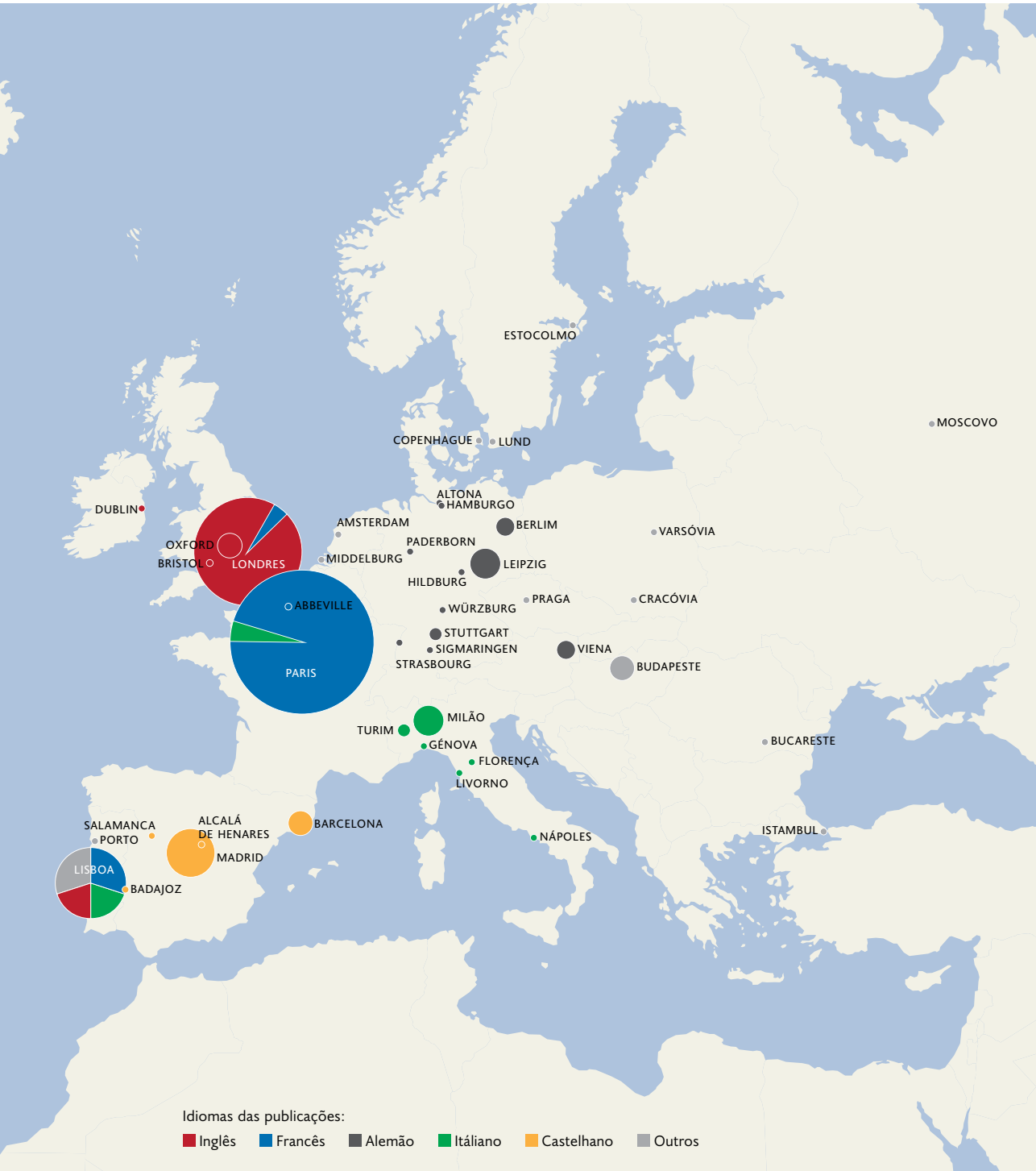
IDIOMA		TÍTULO	PAÍS	ANO
Inglês		<i>The Lusiad.</i> William Julius Mickle	Londres	1798
Alemão	Carl Christian Heise	<i>Die Lusiade</i>	Hamburgo-Altona	[1806-1807]
Alemão	[Friedrich Adolph Kuhn und Carl Theodor Winkler]	<i>Die Lusiade</i>	Leipzig	1807
Inglês		<i>The Lusiad.</i> William Julius Mickle	Londres	1807
Inglês		<i>The Lusiad.</i> William Julius Mickle	Londres	1809
Inglês		<i>The Lusiad.</i> William Julius Mickle	Londres	1809
Francês		<i>La Lusiade.</i> J. F. La Harpe	Paris	1813
Italiano	Antonio Nervi	Lusiada	Génova	1814
Francês		<i>La Lusiade.</i> [J.F. de La Harpe e Vaquette d'Hermilly]	Paris	1815
Alemão		<i>Die Lusiade.</i> [Friedrich Adolph Kuhn und Carl Theodor Winkler]	Viena	1816
Castelhano	Lamberto Gil	<i>Los Lusidas</i>	Madrid	1818
Francês		<i>La Lusiade.</i> J. F. La Harpe	Paris	1820
Italiano		<i>I Lusidi.</i> Antonio Nervi	Milão	1821
Inglês		<i>The Lusiad.</i> William Julius Mickle	Filadélfia	1822
Francês	J. B. J. Millié	<i>Les Lusides</i>	Paris	1825
Inglês	Thomas Moore Musgrave	<i>The Lusiad</i>	Londres	1826
Italiano	Briccolani	<i>I Lusidi</i>	Paris	1826
Alemão		<i>Die Lusiade.</i> [Friedrich Adolph Kuhn und Carl Theodor Winkler]	Viena	1828
Italiano		<i>I Lusidi.</i> Antonio Nervi	Nápoles	1828
Dinamarquês	H. V. Lundbye	Lusiade	Copenhaga	1828-1830
Alemão	J. J. C. Donner	<i>Die Lusiden</i>	Estugarda	1833
Sueco	Nils Lovén	<i>Lusiederne</i>	Estocolmo	1839
Francês	Ortaire Fournier e Desaulés	<i>Les Lusides</i>	Paris	1841
Francês		<i>Les Lusides.</i> J. B. J. Millié. rev. corrigé et annotée par M. Dubeux	Paris	1841
Francês	François Ragon	<i>Les Lusides</i>	Paris	1842

IDIOMA		TÍTULO	PAÍS	ANO
Francês		<i>Les Lusiades</i> . J. B. J. Millié. rev. corrigé et annotée par M. Dubeux	Paris	1844
Francês	Ch. Aubert	<i>Les Lusiades</i>	Paris	1844
Italiano		<i>I Lusiadi</i> . Antonio Nervi	Turim	1847
Francês		<i>Les Lusiades</i> . François Ragon	Paris	1850
Sueco		<i>Lusiaderne</i> . Nils Lovén	Lund	1852
Inglês	T. Livingsgton Mitchell	The Lusiad	Londres	1854
Alemão		<i>Die Lusiaden</i> . J. J. C. Donner	Estugarda/ Sigmaringen	1854
Alemão	F. Booch-Arkossy	Die Lusiaden	Leipzig	1854
Francês	Émile Albert	Les Lusiades	Paris	1859
Italiano	Felice Bellotti	I Lusiadi	Milão	1862
Francês		<i>Les Lusiades</i> . J. B. J. Millié	Paris	1862
Húngaro	Greguss Gyula	<i>Luziáda</i>	Budapeste	1865
Francês		<i>Les Lusiades</i> . J. B. J. Millié	Paris	1865
Francês		<i>Les Lusiades</i> . J. B. J. Millié	Paris	1867
Alemão	Karl Eitner	<i>Die Lusiaden</i>	Hildeburgo	1869
Alemão		<i>Die Lusiaden</i> . J. J. C. Donner	Leipzig	1869
Francês	Fernand d' Azevedo	<i>Les Lusiades</i>	Paris	1870
Castelhano	Conde de Cheste	<i>Los Lusiadas</i>	Madrid	1872
Castelhano	D. Carlos Soler y Arques	<i>Os Lusiadas</i>	Badajoz	1873
Castelhano	D. Manuel Aranda y Sanjuan	<i>Los Lusiadas</i>	Barcelona	1874
Alemão	Carl von Reinhard Stoettner	<i>Os Lusiadas</i>	Estrasburgo	1874
Húngaro		<i>Luziádája</i> . Greguss Gyula	Budapeste	1874
Francês	A. de Cool	<i>Les Lusiades</i>	Rio de Janeiro	1876
Inglês		<i>The Lusiad</i> . William Julius Mickle; rev. E. Richmond Hodges	Londres	1877
Inglês	J. J. Aubertin	<i>The Lusiads</i>	Londres	1878
Francês		<i>Os Lusiadas</i> . Fernando de Azevedo	Lisboa	1878
Alemão	A. E. Wollheim da Fonseca	<i>Die Lusiaden</i>	Leipzig	[1879]
Latim	Frei Francisco de Santo Agostinho Macedo (séc. XVII)	<i>A Lusíada</i>	Lisboa	1880
Italiano	Adriano Bonaretti	<i>I Lusiadi</i>	Livorno	1880
Inglês	Richard Francis Burton	<i>The Lusiad</i>	Londres	1880
Inglês	Robert Ffrench Duff	<i>The Lusiad</i>	Lisboa/Londres/Filadélfia	1880
Italiano		<i>I Lusiadi</i> . A. Nervi	Milão	1882
Alemão	Wilhelm Storck	<i>Die Lusiaden</i>	Paderborn	1883

IDIOMA		TÍTULO	PAÍS	ANO
Inglês		The Lusíads. J. J. Aubertin	Londres	1884
Francês	Hyacinthe Garin	<i>Les Lusíades</i>	Lisboa	1889
Alemão	Karl Eitner	<i>Die Lusíaden</i>	Leipzig/Viena	[1890]
Polaco	Adam M-ski	<i>Luzyady</i>	Varsóvia	1890
Inglês		<i>The Lusíad</i> . William Julius Mickle	Londres/Nova Iorque	1892
Checo	Jaroslav Vrlhický	<i>Lusovsci</i>	Praga	1902
Francês	Edmond Hippeau	<i>Les Lusíades</i>	Paris	[19--]
Francês		<i>Les Lusíades</i> . F. d' Azevedo	Paris	[19--]
Inglês		<i>The Lusíad</i> . William Julius Mickle	Londres	1907
Castelhano		<i>Los Lusíadas</i> . Luis Gómez de Tapia	Barcelona	1913
Francês		<i>Les Lusíades</i> . J. B. J. Millié	Abbeville	1931
Inglês		<i>The Lusíad</i> . Richard Fanshawe	Cambridge, Mass.	1940
Inglês	Leonard Bacon	The Lusíads	Nova Iorque	1950
Inglês	William C. Atkinson	The Lusíads	Londres	1952
Castelhano	Ildefonso-Manuel Gil	<i>Los Lusíadas</i>	Madrid	1955
Checo	Kamil Bednár	<i>Lusovci</i>	Praga	1958
Francês	Roger Bismut	<i>Les Lusíades</i>	Lisboa	1961
Inglês		<i>The Lusíads</i> . Richard Fanshawe	Londres-Fontwell	1963
Inglês		<i>The Lusíads</i> . Richard Fanshawe	Carbondale-Illinois	1964
Catalão	Guillem Colom i Ferrà & Miquel Dolç	<i>Els Lusíades</i> .	Barcelona	1964
Romeno	Aurel Covaci	<i>Lusíada</i>	Bucareste	1965
Inglês		<i>The Lusíads</i> . Leonard Bacon	Nova Iorque	1966
Italiano	Enzio di Poppa Vólture	<i>I Lusíadi</i>	Florença	1972
Italiano	Riccardo Averini	<i>I Lusíadi</i>	Milão	1972
Inglês		<i>The Lusíads</i> . William C. Atkinson	Londres	1973
Japonês	Hideo Kobayashi, Mineo Ikegami e Takiko Okamura	<i>A gente da Lusitânia</i>	Tóquio	1978
Inglês		<i>The Lusíad</i> . William Julius Mickle	Nova Iorque	1979
Inglês		<i>The Lusíads</i> . Leonard Bacon	Nova Iorque	1980
Húngaro	Erno Hars	<i>A Lusíadák</i>	Budapeste	1984
Castelhano		<i>Los Lusíadas</i> . Benito Caldera	Madrid	1986
Castelhano		<i>Los Lusíadas</i> . Ildefonso-Manuel Gil	Madrid	1988

IDIOMA		TÍTULO	PAÍS	ANO
Coreano	Kim Chang-Su	[<i>Os Lusíadas</i>]	Seul	1988
Alemão		<i>Die Lusiaden.</i> J. J. C. Donner	Würzburg	1991
Francês		<i>Les Lusiades.</i> Roger Bismut	Paris	1992
Mandarim		[<i>A Canção dos Lusitanos</i>]. Zhang Weimin	Pequim	1995
Francês		<i>Les Lusiades.</i> Roger Bismut	Paris	1996
Húngaro			Budapeste	1997
Inglês	Landeg White	The Lusiads	Oxford/Nova Iorque	1997
Mandarim		[<i>A Canção dos Lusitanos</i>]. Zhang Weimin	Pequim	1998
Alemão	Hans-Joachim Schaeffer	Die Lusiaden	Berlim	1998
Japonês	Mineo Ikegami	[<i>Os Lusíadas</i>]	Tóquio	2000
Italiano		<i>I Lusiadi.</i> Riccardo Averini	Milão	2001
Concani	Olivinho Gomes	<i>Luzitayonn</i>	Chandor/Salcete/Goa	2003
Inglês		<i>The Lusiads.</i> Landeg White	Oxford	2008
Castelhano		<i>Los Lusíadas.</i> Benito Caldera	Madrid	2009
Catalão		<i>Els Lusíades.</i> Guillem Colom i Ferrà & Miquel Dolç	Barcelona	2010
Mirandês	Fracisco Niebro = Amadeu Torres	<i>Ls Lusíadas</i>	Lisboa	2010
Inglês		<i>The Lusiad.</i> Richard Francis Burton	Lisboa	2016
Malaiala	Davees Joseph Chalakkal	<i>Lusidukalude</i>		2016
Mandarim		[<i>A Canção dos Lusitanos</i>]. Zang Chengdu Weimin		2019
Alemão		<i>Die Lusiaden.</i> Hans-Joachim Schaeffer	Berlim	2019
Alemão		<i>Die Lusiaden.</i> Hans-Joachim Schaeffer	Berlim	2020
Inglês		<i>The Lusiad.</i> Richard Fanshawe	Bristol	2021
Turco	Ibrahim Aybek	<i>Lusitanyalilar</i>	Istambul	2021
Árabe magrebino	Abdeljelil Larbi	<i>Alluziyade</i>	Porto	2022
Indonésio	Danny Susanto	<i>Puisi Lusiadi</i>	Jakarta	2022

CARTOGRAFIA DAS TRADUÇÕES



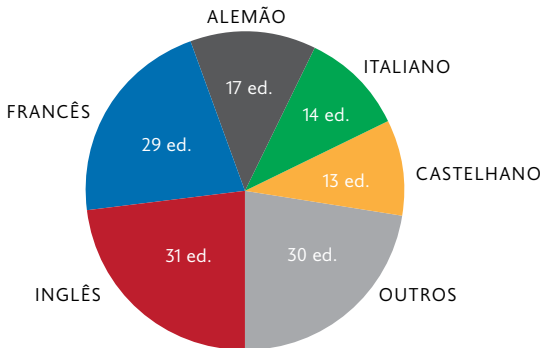
Datas de edição

Datas de edição por períodos

● 1580-1659 ● 1735-1798 ● 1807-1892 ● 1902-1940 ○ 1950-2022

- Abbeville (Somme, norte de França) – 1931
- Alcalá de Henares (Madrid, Espanha) – 1580
- Altona (Hamburgo) - 1807
- Amsterdam – 1777
- Badajoz – 1873
- Barcelona - 1874
- Beijing – 1995
- Berlim – 1998
- Bristol – 2021
- Bucareste – 1965
- Budapeste - 1865
- Cambridge, Mass. (USA) – 1940
- Carbondale, Ill. (USA) - 1964
- Chandor (Goa) - 2003
- Chengdu (sudoeste da China) - 2019
- Copenhague - 1830
- Cracóvia – 1790
- Dublin – 1791
- Estocolmo – 1839
- Filadélfia – 1822
- Florença - 1972
- Génova – 1814
- Goa - 2003
- Hamburgo – 1807
- Hildburg (Turingia, junto a Coburg) – 1869
- Istambul - 2021
- Jacarta – 2022
- Leipzig (Saxónia) – 1807
- Lisboa - 1622
- Livorno – 1880
- Londres - 1655
- Lund – 1852
- Madrid - 1591
- Middelburg (Holanda, litoral) – 1777
- Milão - 1821
- Moscovo – 1788
- Nápoles – 1828
- Nova York - 1892
- Oxford – 1776
- Paderborn (Renânia do Norte - Vestfália) – 1883
- Paris - 1735
- Porto – 2022
- Praga - 1902
- Rio de Janeiro - 1876
- Salamanca – 1580
- Seul - 1988
- Sigmaringen (Alemanha, Baden-Württemberg) – 1854
- Strasbourg – 1874
- Stuttgart – 1833
- Tóquio - 1978
- Turim - 1772
- Varsóvia – 1890
- Viena – 1816
- Würzburg (Alemanha, Francónia) – 1991

Traduções das dições



OUTROS:

- Húngaro – 4 ed.
- Mandarim – 3 ed.
- Catalão – 2 ed.
- Checo – 2 ed.
- Japonês – 2 ed.
- Latim – 2 ed.
- Polaco – 2 ed.
- Sueco – 2 ed.
- Árabe – 1 ed.
- Concani – 1 ed.
- Coreano – 1 ed.
- Dinamarquês – 1 ed.
- Indonésio – 1 ed.
- Malaiala – 1 ed.
- Mirandês – 1 ed.
- Neerlandês – 1 ed.
- Romeno – 1 ed.
- Russo – 1 ed.
- Turco – 1 ed.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV., *Os Lusíadas. Estudos sobre a projecção de Camões em culturas e literaturas estrangeiras*, vol. III, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1984
- Almeida, Isabel, “As traduções para italiano”, in José Augusto Cardoso Bernardes (Coord.), *A Biblioteca Camoniana de D. Manuel II*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, pp. 175-178
- Almeida, Isabel, “À margem de um sonho. «Seguro livro meu, daqui te parte»”, *Colóquio/Letras*, n.º 208, Setembro-Dezembro 2021, pp. 139-145
- Alvarado Teodorika, Tatiana, “Enrique Garcés y la continuidad de la literatura política en los Andes, Iberia e Italia”, *Laberinto*, n.º 9, 2016, pp. 94-123
- Alves, Hélio J. S., “As traduções espanholas de Os Lusíadas”, in José Augusto Cardoso Bernardes (Coord.), *A Biblioteca Camoniana de D. Manuel II*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, pp. 153-156
- Asensio, Eugenio, “Los «Lusíadas» y las «Rimas» de Camões en la poesía española (1580-1640)”, in Eugenio Asensio & José V. de Pina Martins, *Luis de Camões. El Humanismo en su obra poética. Los Lusíadas y las Rimas en la poesía española (1580-1640)*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1982, pp. 41-94
- Bismut, Roger, “Camões en France”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XVI. Camões, 1981, pp. 723-753
- Carvalho, Teresa Nobre de, “A behind-the-scenes glimpse into the princeps edition of Colóquios dos simples (Goa, 1563)”, *Early Science and Medicine*, vol. 21, n.ºs 2-3, 2016, pp. 232-251
- Delille, Maria Manuela Gouveia, “Receção de Camões na literatura alemã”, in Vitor Aguiar e Silva (Coord.), *Dicionário de Luis de Camões*, Alfragide, Caminho, 2011, pp. 740-754
- Earle, Thomas F., “As traduções da poesia de Camões para latim existentes na biblioteca de D. Manuel II”, in José Augusto Cardoso Bernardes (Coord.), *A Biblioteca Camoniana de D. Manuel II*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, pp. 157-164
- Earle, Thomas F., “As traduções da obra camoniana para inglês existentes na biblioteca de D. Manuel II”, in José Augusto Cardoso Bernardes (Coord.), *A Biblioteca Camoniana de D. Manuel II*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, pp. 165-174
- Flor, João Almeida, “Receção de Camões na literatura inglesa”, in Vitor Aguiar e Silva (Coord.), *Dicionário de Luis de Camões*, Alfragide, Caminho, 2011, pp. 806-814
- Fouto, Catarina & Weiss, Julian, “Reimagining Imperialism in Faria e Sousa’s Lusíadas comentadas”, *Bulletin of Hispanic Studies*, vol. 93, n.ºs 7-8, 2016, pp. 1243-1270
- Fratlicelli, Barbara & Vargas Díaz-Toledo, Aurelio, *Camões en el 450 aniversario de los Lusíadas (1572-2022)*, Castilla la Mancha, Junta de Comunidades, 2022
- Fumaroli, Marc, *La diplomatie de l’esprit*, 2.ª ed., Paris, Hermann, 1998
- Gallut-Frizeau, Anne, “«Os Lusíadas» na França do século XVI”, *Brotéria*. No 4.º centenário de Camões, vol. 110, n.ºs 7-8-9, Julho-Agosto-Setembro 1980, pp. 32-43
- Garcia, Frederick C. H., “Richard Francis Burton e Luis de Camões. O tradutor e o poeta”, Separata da *Revista Ocidente*. Número especial, Novembro 1972, pp. 61-82
- Garcia, Tiago Sousa, *Englishing The Lusíad. Richard Fanshawe’s translation of Os Lusíadas and its relation with the contemporary English political context*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Kent e à Universidade do Porto, 2016

- Kalewska, Anna, “As traduções d’*Os Lusíadas* na Polónia ou a revisitação de Camões entre «os Sármatas» e «os Polónios» (questões históricas, políticas, culturais e sociopolíticas)”, *E-Letras com vida*, n.º 2, Janeiro-Junho 2019, pp. 27-45
- Khoklova, Irina, “Receção de Camões na literatura russa”, in Vitor Aguiar e Silva (Coord.), *Dicionário de Luís de Camões*, Alfragide, Caminho, 2011, pp. 824-832
- Martínez, Miguel, “A poet of our own: the struggle for *Os Lusíadas* in the afterlife of Camões”, *Journal for Early Modern Cultural Studies*, vol. 10, n.º 1, spring-summer 2010, pp. 71-94
- Medeiros, Paulo, “Receção de Camões na literatura norte-americana”, in Vitor Aguiar e Silva (Coord.), *Dicionário de Luís de Camões*, Alfragide, Caminho, 2011, pp. 822-824
- Miranda, José da Costa, “Carlo Antonio Paggi, tradutor italiano de Camões: a sua presença na seiscentista Academia dos Generosos, de Lisboa”, *Revista da Biblioteca Nacional*, vol. 1, n.º 2, Julho-Dezembro 1981, pp. 253-272
- Nagel, Rolf, “Camões na Alemanha com uma reprodução iconográfica, e seguido de uma bibliografia crítica”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XVI. Camões, 1981, pp. 784-796
- Quint, Ane-Marie, “Receção de Camões na literatura francesa”, in Vitor Aguiar e Silva (Coord.), *Dicionário de Luís de Camões*, Alfragide, Caminho, 2011, pp. 793-806
- Serafim, João Carlos Gonçalves & Carvalho, José Adriano de Freitas, *Um diálogo epistolar. D. Vicente Nogueira e o Marquês de Niza (1615-1654)*, Porto, Citcem/Edições Afrontamento, 2011
- Serra, Pedro, “Receção de Camões na literatura espanhola”, in Vitor Aguiar e Silva (Coord.), *Dicionário de Luís de Camões*, Alfragide, Caminho, 2011, pp. 772-793
- Tocco, Valeria, “Receção de Camões na literatura italiana”, in Vitor Aguiar e Silva (Coord.), *Dicionário de Luís de Camões*, Alfragide, Caminho, 2011, pp. 814-822
- Torres, Amadeu, “A «Ilha dos Amores» d’*Os Lusíadas* na versão de cinco poetas neolatinos. Uma restituição que se impõe”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XVI. Camões, 1981, pp. 201-241
- Torres, Amadeu Rodrigues, “André Baião, tradutor latino de «Os Lusíadas»: da diáfrase à hipocléptica semântica”, in *IV Reunião Internacional de Camonistas. Actas*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1984, pp. 659-706
- Torres, Amadeu, “Tomé de Faria, um latinista tradutor epidótico de *Os Lusíadas*”, in Seabra Pereira & Manuel Ferro (Coord.), *Actas da VI Reunião Internacional de Camonistas*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, pp. 487-497
- Zuber, Roger, *Les belles infidèles et la formation du goût classique*, Paris, Albin Michel, 1995

EXPOSIÇÃO

COMISSÁRIA

Isabel Almeida

CONSULTORES

José Luís Cardoso
Henrique Leitão
João Carlos Garcia

APOIO TÉCNICO

Susana Marques

PROJETO MUSEOGRÁFICO

Mariano Piçarra

DESIGN GRÁFICO

Overshoot Design

CONSTRUÇÃO E MONTAGEM

J. C. Sampaio

CATÁLOGO

AUTORIA

Isabel Almeida

APOIO TÉCNICO

Susana Marques

DESIGN

Overshoot Design

IMPRESSÃO

Agir-Produções Gráficas

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Academia das Ciências de Lisboa

ISBN

xxxxxxxxxxxx

DEPÓSITO LEGAL

xxxxxxxxxxxx

DOI

xxxxxxxxxxxx

TIRAGEM

500 exemplares

AGRADECIMENTOS

Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa

EDIÇÃO



APOIOS



